

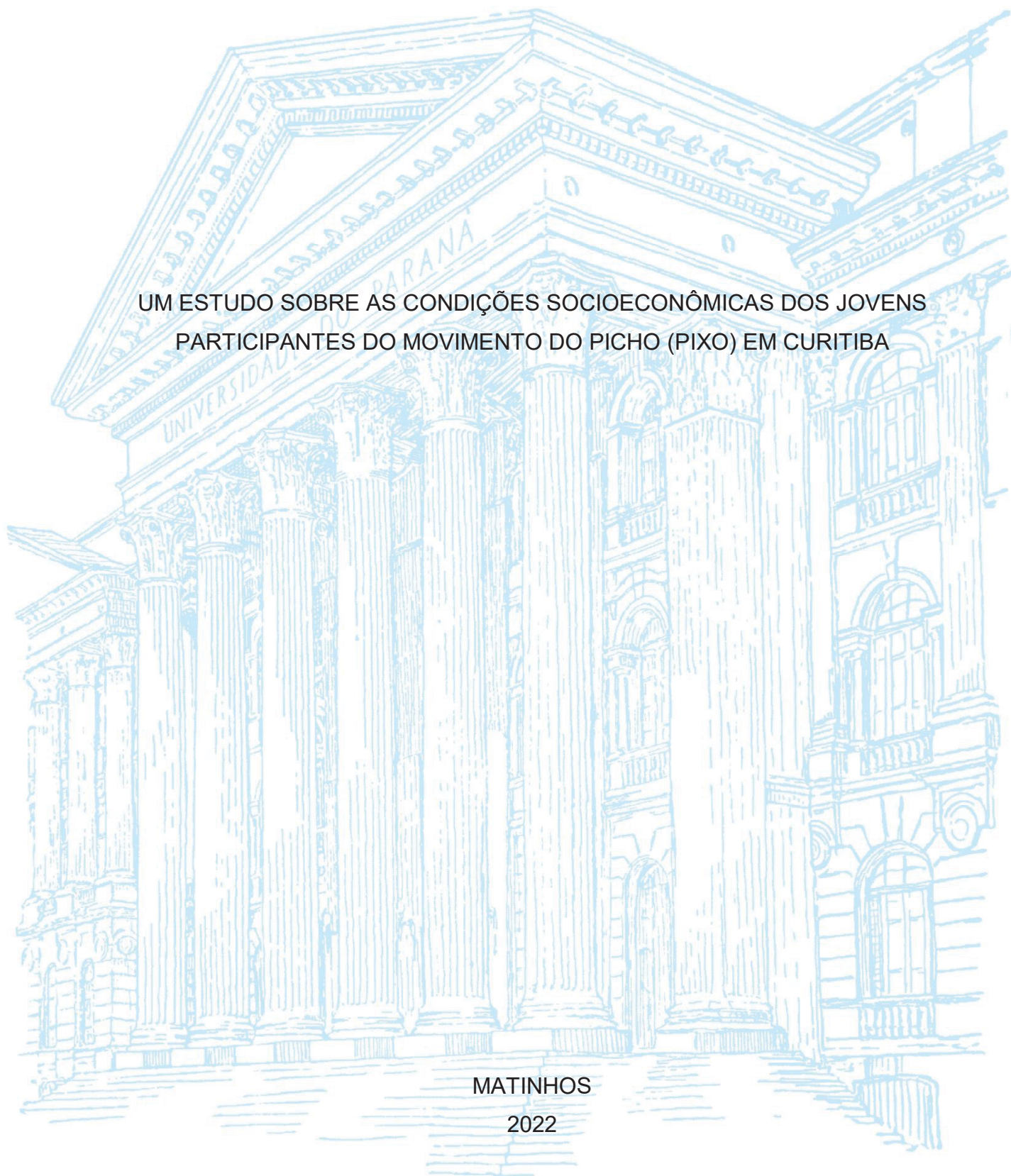
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DEISI MARGARETE MOMM FONSECA

UM ESTUDO SOBRE AS CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS DOS JOVENS
PARTICIPANTES DO MOVIMENTO DO PICO (PIXO) EM CURITIBA

MATINHOS

2022



DEISI MARGARETE MOMM FONSECA

UM ESTUDO SOBRE AS CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS DOS JOVENS
PARTICIPANTES DO MOVIMENTO DO PICHÓ (PIXO) EM CURITIBA

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de Especialização
em Serviço Social: A Questão Social Na
Perspectiva Interdisciplinar, Setor Litoral,
Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Msc. Israel Montesuma
Oliveira

MATINHOS

2022

DEDICATÓRIA

“Dedico aos meus pais, a minha família e a todas as pessoas que acreditam e lutam por um mundo melhor. Aos meus netos Giovanna, Raphael, Ana Julia, Fernanda, Leonardo e Liz, desejo que eles vivam em uma sociedade que pratique a solidariedade e a justiça”.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é fundamental ao fim de uma jornada, olhar para o caminho percorrido e poder agradecer. Então agradeço a Deus por ter me dado saúde, força e disposição. Atravessamos um período difícil de pandemia e podemos nos considerar sobreviventes. Obrigada pela vida e pelas oportunidades.

Agradeço aos meus pais Pedro e Maria, como exemplos de determinação, obrigada pela compreensão, pelo amor e o carinho de sempre.

Agradeço à minha família pela compreensão em relação aos motivos das ausências e também pelas escutas, obrigada pela paciência, pelo carinho e amor.

Agradeço aos meus filhos Eduardo, Fernando, Matheus e Amanda muito obrigada pela compreensão, pelo carinho e o amor externado sempre.

Agradeço especialmente a minha filha Amanda, gratidão pela colaboração com a organização do lar, sem você não conseguiria tempo para realizar as atividades da Pós. Obrigada pelo incentivo, pelo carinho, pelo amor e pelas vezes que me salvou com as ferramentas tecnológicas.

Agradeço a Fernanda minha colega de trabalho, ex-estagiária e agora assistente social. Agradeço pelas discussões, pelas colaborações, pela escuta nas horas difíceis, pelas risadas, pelo apoio e pelo carinho muito obrigada.

Agradeço aos quatro jovens que entrevistei, muito obrigada pela confiança em compartilhar suas vivências, suas inquietações, suas dores e alegrias. Sem vocês não seria possível a construção deste trabalho de pesquisa.

Agradeço a todos os jovens que passaram pela minha vida e compartilharam suas experiências.

Agradeço a todos os colegas da especialização, obrigada por cada discussão, por compartilharem suas vivências e saberes.

Agradeço aos professores da UFPR que compartilharam seus saberes, muito obrigada mestres por terem o comprometimento com a educação, obrigada por terem ofertado os óculos do conhecimento, para que assim eu pudesse enxergar possibilidades de encontrar as respostas para tantas indagações.

Agradeço ao meu orientador Israel Montesuma Oliveira, gratidão mestre! Pela seriedade, pelo respeito, pelas orientações e pela paciência nas correções. Sem a sua contribuição jamais teria conseguido finalizar esse projeto de pesquisa.

“Do rio que tudo arrasta, se diz que é violento. Mas ninguém chama violentas às margens que o comprimem.”

Bertolt Brecht

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo geral “Conhecer, compreender e provocar reflexões sobre as formas de expressões de culturas diferenciadas de um determinado momento histórico dos participantes do movimento do picho (pixo) em Curitiba”, para obter esse propósito foi primordial a busca de aportes que contribuíssem no objeto deste estudo, dessa maneira, os objetivos específicos foram sendo discutidos com o intuito de “Entender os fatores de violência no contexto desses jovens”; “Analisar a cultura e as impressões desses sujeitos em relação as suas percepções do mundo em que vivem” e “Identificar o perfil socioeconômico dos jovens participantes do movimento do picho (pixo)”. A metodologia que fundamenta esse estudo é o materialismo histórico e dialético com a contribuição da visão de Santos e a formação socioespacial, desta maneira, foi possível um olhar abrangente da realidade desses sujeitos e do espaço que ocupam. Foram utilizadas também a pesquisa bibliográfica, qualitativa e exploratória através de entrevistas semiestruturadas, com perguntas abertas e fechadas e posterior análise de discurso. O estudo se justifica pela relevância do assunto que através desse trabalho poderá contribuir na compreensão das vivências destes sujeitos, bem como, nas suas intervenções urbanas. Outro fator pertinente é o uso de substâncias psicoativas neste contexto do movimento de pichação, já que, os resultados desta combinação refletem na violência da sociabilidade na cidade. Através do levantamento dos dados foi constatado que os jovens participantes da pesquisa, vivem uma realidade socioeconômica característica de uma parcela com escassos recursos financeiros.

Palavras-chave: 1. Pichação 2. Urbano 3. Jovens 4. Dependência Química 5. Violência.

ABSTRACT

This paper had as general objective “To know, understand and provoke reflections on the form of expressions from differentiated cultures of a certain historical moment of the graffiti movement participants in Curitiba”. To attain that purpose it was primordial to look for contributions on the object of this study. That way, the specified objectives were discussed in order to “Know the context of violence in which those young men are living in”; “Analyze the culture and the impressions of those people in relation to their perceptions of the world in which they live in” and “Identify the social economical profile of the youth that participate in the graffiti movement. The methodology that underlies this study is the historical and dialectical materialism with the contribution of Santos, his vision and his social-spatial formation. That way, it was possible to have a comprehensive understanding of the reality of those people and the space they occupy. Bibliographic, qualitative and exploratory research were also used through semi-structured interviews, with open and closed questions and subsequent discourse analysis. The study is justified by the relevance of the subject that, through this work, can contribute to the understanding of the experiences of those people, and in their urban interventions. Another relevant factor is the use of psychoactive substances in the context of the graffiti movement, since the results of this combination reflect on the violence sociability in the city. Through the data collection, it was found that the young participants of the research live a socioeconomic reality characteristic of a parcel with scarce financial resources.

Key-words: 1. Graffiti 2. Urban 3. Young 4. Chemical Dependency 5. Violence

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 – MANIFESTAÇÃO POLÍTICA.....	33
IMAGEM 2 – MANIFESTAÇÃO POLÍTICA.....	33
IMAGEM 3 – CREW ISK6 OU ESCASSEZ.....	34
IMAGEM 4 – JANELA E CORDA.....	37
IMAGEM 5 – JANELA E CORDA.....	37
IMAGEM 6 – SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS.....	39

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - IDADE DOS SUJEITOS DA PESQUISA	43
GRÁFICO 2 – GÊNERO DOS SUJEITOS DA PESQUISA	44
GRÁFICO 3 – COR OU RAÇA DOS SUJEITOS DA PESQUISA	46
GRÁFICO 4 – ATIVIDADE REMUNERADA DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	47
GRÁFICO 5 – FAIXA DE RENDA DOS SUJEITOS DA PESQUISA	48
GRÁFICO 6 – ESTADO CIVIL DOS SUJEITOS DA PESQUISA	49
GRÁFICO 7 - ESCOLARIDADE DOS SUJEITOS DA PESQUISA	50
GRÁFICO 8 – HABITAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA	51
GRÁFICO 9 – TEMPO NO PIXO DOS SUJEITOS DA PESQUISA	55
GRÁFICO 10 – DROGAS E OS SUJEITOS DA PESQUISA	60
GRÁFICO 11- LUGAR ONDE MORAM OS SUJEITOS DA PESQUISA	73

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – SUJEITOS DA PESQUISA.....	41
QUADRO 2 – CATEGORIAS DA PESQUISA	42

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

ACGB - Associação dos Condomínios Garantidos do Brasil

CPF- Cadastro de Pessoa Física

d.c. - Depois de Cristo

LGTB - Lésbicas, gays, transexuais e bissexuais

PEC- Proposta de Emenda à Constituinte

PSC - Prestação de Serviço à Comunidade

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	A CONSTRUÇÃO SÓCIO HISTÓRICA DO MOVIMENTO DA PICHANÇA ..	22
2.1	UM BREVE RELATO SOBRE A URBANIZAÇÃO NO BRASIL	22
2.2	O PROCESSO HISTÓRICO DAS GRAFIAS DO PICHÔ	23
2.3	AS PRIMEIRAS AÇÕES DAS TRIBOS URBANAS NO PAÍS.....	25
2.4	AS NORMATIVAS PARA CONTROLAR OS JOVENS PICHADORES NO BRASIL-CRIME AMBIENTAL OU MANIFESTAÇÃO POLÍTICA	26
2.5	AS LEIS MUNICIPAIS PARA COIBIR OS SUJEITOS DO PICHÔ EM CURITIBA.....	28
3	ENTENDENDO A CULTURA E OS SUJEITOS DA PIXAÇÃO.....	31
3.1	A VIOLÊNCIA NO COTIDIANO DESSES ATORES URBANOS:TROPEÇOS, QUEDAS E MORTES.....	36
3.2	O SUJEITO DO PIXO E AS SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS: UMA VIAGEM PARA ALÉM DAS PAREDES.....	38
4	UM ESTUDO SOBRE AS CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS DOS JOVENS DO MOVIMENTO DO PICHÔ (PIXO) EM CURITIBA: ANÁLISE DE DISCURSO ...	41
4.1	CATEGORIA I - PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS SUJEITOS DO PIXO.	43
4.2	CATEGORIA II - AS MOTIVAÇÕES E INFLUÊNCIAS DOS AUTORES DAS GRAFIAS.....	52
4.3	CATEGORIA III - AS VIOLÊNCIAS NO CONTEXTO DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	58
4.4	CATEGORIA IV - OS SUJEITOS DO PIXO E SUAS PERCEPÇÕES DO MUNDO.....	66
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
5.1	RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS.....	83
	REFERÊNCIAS.....	85
	ANEXO1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	88
	APÊNDICE 1 – RELAÇÃO DE CREWS CATALOGADAS	89
	APÊNDICE 2 – VOCABULÁRIO DO UNIVERSO DO PICHÔ (PIXO).....	93
	APÊNDICE 3 – ROTEIRO DE ENTREVISTA 9 PERGUNTAS ABERTAS	94

APÊNDICE 4 – ROTEIRO DE ENTREVISTA (PERGUNTAS FECHADAS)

.....95

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa pretende contribuir no entendimento sobre a cultura, as percepções do mundo em que vivem e as condições socioeconômicas dos jovens participantes do movimento do picho (pixo) em Curitiba, buscando subsídios para identificar o perfil social, político e material deste público.

A opção pelo objeto de pesquisa foi construída na trajetória do trabalho desenvolvido pela pesquisadora com os adolescentes e jovens em cumprimento de PSC. O atendimento supracitado, prioriza a valorização da pessoa e não do delito, que direcionou os sujeitos até a execução das medidas, assim, nesse caminhar, foram sendo construídas interações de respeito e inclusão através de atividades relacionadas a arte.

Na perspectiva de valorização dos potenciais inerentes a esses agentes urbanos, foi observado que seria imprescindível potencializar o que muitas vezes não era percebido nem pelos próprios atores, já que, as ações consideradas como vandalismo e depredação era o que a sociedade avolumava.

O maior desafio a ser superado, foi a construção de uma relação de respeito e confiança, pois o local referido para a execução das medidas de PSC ou seja a ACGB - Associação dos Condomínios Garantidos do Brasil, trabalhava com o meio ambiente urbano e desenvolvia várias ações diárias de cuidado e manutenção com a cidade como: o plantio de flores e gramas, a restauração de calçadas, a remoção de propaganda irregular e de pichações em áreas públicas e privadas, todas as ações sem nenhum recurso público.

A grande dificuldade encontrada foi sobre o trabalho da organização, visto que, ela promovia o “despiche”, ou a remoção das pichações, assim como quebrar barreiras com os sujeitos do picho, se apagamos suas intervenções? Para superar essa dificuldade e criar uma ponte que unisse os jovens e a instituição, buscou-se ofertar diversas atividades relacionadas a arte, essa dinâmica propiciou a interação entre os atores e a pesquisadora e posteriormente a possibilidade desse estudo.

Apesar dos participantes do movimento do picho ocuparem os espaços urbanos, com suas letras estilizadas, uma parte considerável da população não conhece o

significado da palavra, que segundo o dicionário, é: ¹”Ação ou efeito de pichar, pichamento {informal} Figurado. Comentário de teor crítico e maldoso, Etimologia (origem da palavra *pichação*) *Pichar* + *ção*”. No entanto, para buscarmos uma aproximação com esse público precisaremos ir muito além da definição da palavra, para isso será necessário aproximação com os autores dessas intervenções urbanas.

Essa inquietação por parte da pesquisadora sobre o perfil socioeconômico desse público, tem sido construída desde 2010, quando surgiu a proximidade com esses jovens, através da atividade profissional no atendimento de medidas de PSC (Prestação de Serviços à Comunidade) por delitos relacionados ao picho.

Nesse período foram contabilizados centenas de atendimentos, ofertando a possibilidade de interação com esses sujeitos e a cultura do movimento, fato esse, que proporcionou um novo olhar para esses agentes, e a oportunidade de se expressarem, despertaram esse questionamento.

Durante essa trajetória, as falas desses jovens externaram uma revolta em relação a sociedade atual, tal qual ao Estado e as condições sociais vivenciadas por eles, verbalizando que o movimento de pichação é uma possibilidade de confronto e revolta pela opressão que vivenciam.

Assim, é primordial uma aproximação com esses sujeitos para contribuir no entendimento de quem são esses cidadãos, como são as condições socioeconômicas experienciadas por eles, quais as motivações que os movem, bem como qual a mensagem retratada nos muros, refletindo que a cidade é um organismo vivo onde compartilhamos espaços coletivos e privados e essas ações impactam econômica, social e culturalmente a vida nas cidades.

Esses jovens se reúnem em coletivos, geralmente formados por no mínimo 4 integrantes, porém existem grupos de até 30 /40 membros, essas comunidades são denominadas por eles como *crews*, e a identidade coletiva foi um dos primeiros fatores a chamar a atenção da pesquisadora.

¹Dicionário- significado da palavra pichação Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/pichacao/>> Acesso em: 03/01/2022.

A partir de então, começou uma aproximação com os integrantes dessas tribos, um grupo específico denominado *ISK6* ou *ESCASSEZ*, chamou a atenção, assim direcionou o olhar para os significados que as terminologias expressavam e consequentemente iniciou um estudo sobre o movimento, nesse período foram contabilizados em Curitiba mais de 240 *crews*, como será demonstrado nesse trabalho.

Para alcançar o resultado metodológico desse estudo, será necessário um olhar para o local em que acontecem essas manifestações, ou seja, as áreas urbanas, bem como, as contradições desses espaços.

Dessa maneira poderemos observar os espaços onde ocorrem as intervenções dos atores urbanos, refletindo se o cenário atual em que a desigualdade gerada pela expropriação do trabalho por parte do sistema capitalista contribui nessas ações.

Já que, o modo de produção atual tem intensificado a miséria, ampliando o abismo entre os que produzem a riqueza e os que se apropriam dela, Iamamoto (2008), acrescenta nessa construção, referindo que a questão social é a demonstração da contradição entre capital e trabalho, com uma ampliação das demandas e articulações, que necessitam de abordagens muito além da benevolência ou da contenção.

Com o propósito de compreender essa expressão da Questão Social que está diretamente correlacionada a urbanidade, é necessária uma análise ampla. Santos (2013) diz que, anteriormente acreditava-se que o comércio, a indústria e a circulação de dinheiro, seriam soluções para as mazelas sociais geradas pelo capital. No entanto a concentração populacional nas cidades tem contribuído para o surgimento de novas demandas e desafios, entender as especificidades e dificuldades na construção desses espaços é imprescindível na busca da formação de uma sociedade com menor desigualdade social.

De acordo com Santos (2013) o processo de urbanização associado ao modo de produção atual tem como consequência uma grande condensação de riqueza e miséria nas áreas urbanas e periféricas.

Partindo desse pressuposto, podemos observar que a falta de planejamento na ocupação dos espaços urbanos, associada a extrema desigualdade, favoreceu o

status quo do caos urbano, e conseqüentemente, tem propiciado ações de vandalismo, depredação e a degradação de locais públicos e privados.

Porém, para entender esse fenômeno, é necessário um olhar mais amplo sobre o aumento exponencial da pobreza urbana e suas conseqüências, segundo Santos “[...]devem ser considerados os dados gerais do fenômeno, seus modelos operacionais e suas inter-relações com dados culturais, sociais, econômicos e institucionais em escala mundial, nacional e local.” (SANTOS,2013, p.44).

A partir desta inferência, esta pesquisa surgiu através da observação das manifestações destes jovens através da pichação nas áreas de grande concentração populacional. As ações dos integrantes deste movimento promovem inquietude e estimulam muitas indagações, pois ao transitar pelas ruas das cidades é perceptível que as grafias têm ocupado cada vez mais os muros, paredes, portas e tudo que seja possível preencher com as letras estilizadas e os signos inerentes ao picho.

Pensando nos sujeitos do picho e nas suas manifestações nas cidades, buscamos o entendimento na visão de Santos (1982) ele diz que, houve mais interesse por parte das ciências pelo formato dos elementos do que pelo seu desenvolvimento, o entendimento não era das atividades sociais que geram e modificam as formas e sim das que já estavam consolidadas, essa visão não possibilita a compreensão do real e dificulta a intervenção na história, para o autor:

Somente a história da sociedade mundial, aliada à da sociedade local, pode servir como fundamento à compreensão da realidade espacial e permitir a sua transformação a serviço do homem. Pois a história não se escreve fora do espaço e não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social (SANTOS,1982, p.1).

Santos ainda pontua que é necessário o entendimento sobre a produção e a contradição neste contexto, a relação entre o homem, natureza, espaço e suas implicações nas dinâmicas sociais. A formação socioespacial associa a combinação de diferentes contextos da sociedade no setor político, social, econômico e cultural, considerando o espaço, ou seja, a natureza transformada pela intervenção do homem.

Através deste cenário, esta pesquisa pretende auxiliar na compreensão da seguinte temática: Um estudo sobre as condições socioeconômicas dos jovens participantes do movimento do picho (pixo) em Curitiba.

A justificativa desse estudo está respaldada na perspectiva de que a cidade é um espaço de efervescência, cultural, política, econômica e social, local de muitas interações, e tudo que ocorre na urbs impacta o viver do coletivo. Para uma parte significativa da população, as pichações foram naturalizadas, não sendo muitas vezes percebidas ou compreendidas.

Nesse contexto existe um conflito acentuado entre os proprietários de imóveis, locatários, lojistas, gestores públicos, a mídia e os agentes responsáveis pelas grafias. Esse antagonismo é um terreno fértil para a violência e brigas, que acabam não acrescentando em nada, além de avolumar cada vez mais esse impasse.

No *status quo* atual, todos perdem, pois é uma guerra pelo território urbano em que todos os envolvidos querem ocupar seu espaço.

Outro fator relevante para as ciências sociais é a proximidade desses jovens com substâncias psicoativas, essa problemática faz parte deste contexto, que além da questão social, impacta os setores econômico e de segurança.

Assim, será necessária uma aproximação para assimilar quais são os estímulos, a necessidade da busca pela adrenalina e o empoderamento obtivo através da utilização de drogas, fato este, que tem propiciado episódios de violência, levando a um exponencial crescimento de acidentes e óbitos por diversas situações no cotidiano desses interventores urbanos.

Para entender esta problemática é primordial conhecer os participantes do movimento, pois a produção de conhecimento nessa área encontra-se ainda em fase embrionária, desta maneira, é essencial, possibilitar uma fala para estes sujeitos, sobre as motivações, inquietações e reivindicações que os movem nas ações, buscando acrescentar na construção de possibilidades de diálogo entre estes agentes com a sociedade em questão.

Com o propósito de buscar subsídios sobre a temática, foi pensado na seguinte pergunta de pesquisa: Como o modelo de produção capitalista influencia estes jovens no envolvimento com a depreciação dos espaços urbanos, com o uso de substâncias psicoativas e a violência?

Com o intuito de colaborar para a resposta desta pergunta, a pesquisa tem como objetivo geral: Conhecer, compreender e provocar reflexões sobre as formas de

expressões de culturas diferenciadas, de um determinado momento histórico dos participantes do movimento do picho (pixo) em Curitiba.

Na busca do entendimento sobre as ações destes sujeitos, suas interações com a sociedade, com o ambiente e o propósito dessas manifestações, foram pensadas no desdobramento do objetivo geral da seguinte forma com os objetivos específicos:

- Conhecer os fatores de violência no contexto desses jovens;
- Analisar a cultura e as impressões destes sujeitos em relação as suas percepções do mundo em que vivem;
- Identificar o perfil socioeconômico dos jovens participantes do movimento do picho (pixo).

A metodologia que será utilizada nesse estudo, tem o propósito de cooperar na análise sobre como o modelo de produção capitalista influencia estes jovens no envolvimento com a depreciação dos espaços urbanos, com o uso de drogas e a violência, para auxiliar nessa intuito o método utilizado será o Dialético que de acordo com Marconi e Lakatos é o” [...] que penetra o mundo dos fenômenos através de sua ação recíproca, da contradição inerente ao fenômeno e da mudança dialética que ocorre na natureza e na sociedade.” (2001, p.106).

Para Gil esse método proporciona possibilidades de interpretação das transformações que acontecem na sociedade, segundo ele também: “[...]fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade!” (2008, p.14). Na perspectiva materialista de Marx (1985, p.20) “A pesquisa tem que captar detalhadamente a matéria, analisar as suas várias formas de evolução e rastrear sua conexão íntima. Só depois de concluído este trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real.” Assim, com essas contribuições e através da associação dos saberes será possível embasar o estudo.

A metodologia será realizada na dimensão exploratória e qualitativa, através dos seguintes instrumentais: entrevistas semiestruturadas, além de, fotos, gráficos, sites de pesquisa, documentários e com o arcabouço teórico embasado nas referências bibliográficas.

O levantamento de dados se dará na cidade de Curitiba, tendo como base a contribuição no entendimento da correlação entre a concepção histórica de Karl Marx

e de Friedrich Engels de acordo com o desenvolvimento social, partindo da perspectiva dos impactos da intervenção do homem com a natureza natural e a artificial, essa, modificada através dessas interações humanas na paisagem, nas partes físicas, que conseqüentemente refletem nos espaços com as formas sociais.

Santos contribui nessa construção através do olhar além da produção, categorizando o espaço como um elemento fundamental, para o autor” A base mesma da explicação é a produção, isto é, o trabalho do homem para transformar, segundo leis historicamente determinadas, o espaço com o qual se confronta.” (SANTOS,1982, p.1).

Na visão de Santos (1982) a cidade é multifacetada, dentro dela, existem vários espaços construídos de acordo com as especificidades dos moradores desses territórios e das suas relações econômicas, sociais, políticas e culturais com o mundo em que vivem.

No desenvolvimento desse trabalho é imprescindível a pesquisa bibliográfica, pois ela é um “[...]levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita.” (MARCONI, LAKATOS,2001, p.43-44).

Para atingir o que foi pensado na elaboração da pesquisa, ela terá o embasamento teórico de autores que contribuem no assunto elencado, como suporte de estudo e referência foram utilizados: ABRAMOVAY et.al. (1999) CAMPOS (2003), CARVALHO (2013), FEITOSA (2005), FOUCAULT 1987), FONSECA (1981), GIL (2008), IAMAMOTO (2009), (2012), MARCONI; LAKATOS (2001), MARX (1985), MEDEIROS; SVIERCOSKI (2020), MINAYO et .al. (1999) NASCIMENTO (2015), SAILAS et.al. (2008), SANTOS (1982), (2007), (2013) SILVEIRA (1991) SOARES (2005), SOARES (2018), PROSSER (2009), TRIVINOS (2009).

Apesar de termos registros históricos sobre a manifestação através do movimento da pichação, a maneira de ocupação dos espaços com tanta agressividade é uma temática contemporânea, os estudos sobre o tema estão em construção, portanto é relevante conhecer estes sujeitos e suas inquietações, para esse propósito embasaremos esta pesquisa com livros, artigos, vídeos, que tratam desse assunto.

Para atingirmos os propósitos da pesquisa será necessário a realização de entrevistas de campo, que serão aplicadas com quatro participantes do movimento do picho, o critério para a escolha dos sujeitos, será a participação no movimento do picho, a maioria e a voluntariedade.

A entrevista semiestruturada será dividida em questões fechadas e abertas, as fechadas serão realizadas com o Google Forms. Essa ferramenta possibilita a coleta de dados com precisão e a construção de gráficos com o percentual obtido na pesquisa. As perguntas abertas serão realizadas individualmente de forma presencial, gravadas e posteriormente transcritas para a análise de discurso. Esse instrumental oportuniza a fala dos sujeitos participantes da pesquisa, ofertando a possibilidade de compartilhar suas vivências, impressões e questionamentos.

A pesquisa qualitativa retrata o que não pode ser mensurado por números, respeitando a individualidade dos indivíduos. Assim os dois tipos de abordagem se completam para a construção desse trabalho. De acordo com Trivinos o “[...] pesquisador orientado pelo enfoque qualitativo tem ampla liberdade teórico - metodológico para realizar seu estudo.” (2009, p.133).

O tema escolhido tem sido pouco estudado sendo assim, necessita de aproximação para a construção de futuras pesquisas, de acordo com a visão de GIL trata-se de uma pesquisa exploratória pois “[...] tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.” (2008, p.27).

Para Medeiros e Sviercoski a análise de discurso, possibilita uma interpretação das vivências dos entrevistados pois “[...] a análise dos dados [...] constitui um dos momentos mais importantes e, por isso, demanda tempo, reflexões e análises, pois o método e a técnica escolhidos pelo pesquisador exigem muita atenção e cuidado.” (2020, p.199). Sendo de extrema importância um cuidado primoroso para a interpretação do material coletado, para que o resultado seja fidedigno com as falas dos participantes.

A opção de utilizar fotos de intervenções de picho tem o objetivo de aproximar a realidade das ações desses sujeitos com a sociedade, possibilitando conhecimento e historicando suas manifestações urbanas segundo Soares:

O material imagético, elaborado a partir do desenho, foi considerado um instrumento significativo para pesquisas que se propõem captar outras formas de expressão, mais personalizadas e menos formais, capazes de oferecer novas informações que textos elaborados com a escrita não são capazes de fornecer ou expressar (SOARES, 2005, p. 15).

Respeitando a identidade de cada sujeito participante, serão criados nomes fictícios de acordo com a opção do indivíduo. A palavra picho com CH não é utilizada dentro do movimento, então em respeito aos sujeitos participantes da pesquisa e ao universo do movimento da pichação, o 3º capítulo, a parte das entrevistas e a análise de discurso desse trabalho, será construída com a palavra pixo escrita com a letra X.

O trabalho de pesquisa será dividido em: 1º Capítulo: A construção sócio histórica do movimento da pichação, no 2º Capítulo: Entendendo a cultura e os sujeitos da pichação, 3º Capítulo: Um estudo sobre as condições socioeconômicas dos jovens do movimento do picho (pixo) em Curitiba: Análise de discurso.

2. A CONSTRUÇÃO SÓCIO HISTÓRICA DO MOVIMENTO DA PICHAÇÃO

Nesse capítulo será abordado o processo de urbanização do Brasil com a ocupação desordenada das cidades e os seus desdobramentos no que diz respeito as intervenções urbanas. Para tanto se faz necessário compreender as mazelas das cidades, segundo Santos “As causas dos males aparecem como se fossem a sua solução, círculo vicioso que escancara as portas da favela para a cultura de massas [...]” (2007, p.29). Assim é imprescindível contextualizar o desenvolvimento das metrópoles bem como as contradições desses espaços.

Trataremos também nesse capítulo, dos direcionamentos do Estado para impedir as ações dos integrantes do picho no Brasil e, conseqüentemente das leis e diretrizes no município de Curitiba, com o mesmo propósito. Pontuando que essas normativas são formuladas quando existe a necessidade de controle e organização na sociedade por parte dos poderes públicos, assim essas regras foram sendo adequadas conforme o avanço e a propagação dessas tribos com as intervenções urbanas nas cidades por todo o território do país.

2.1 UM BREVE RELATO SOBRE A URBANIZAÇÃO NO BRASIL

No Brasil o agravamento das crises econômicas sucessivas nas últimas décadas, ocasionou a baixa taxa de crescimento no setor econômico, perdas de salários e conseqüentemente uma expansão da violência nas áreas com maior densidade populacional, de acordo com Campos (2003) as grandes cidades que seduziram multidões de trabalhadores oriundos de pequenas localidades e principalmente das áreas rurais, também foram propícias para o aumento exponencial do desemprego, precarização do trabalho, a ocupação das áreas periféricas e regiões metropolitanas, segundo o autor “[...] a cidade esgotou suas formas de absorção de novas massas de trabalhadores. Essa situação somada ao acúmulo de pobreza associada à ocupação desordenada, tem criado um ambiente degradado e violento [...]” (2003, p. 91)

Essa explosão demográfica associada a necessidade de sobrevivência de acordo com Campos (2003) propiciou o processo de proliferação das favelas nas

áreas urbanas, a precariedade nas moradias e a pobreza acentuada, esse contexto foi terreno fértil para o surgimento de novas expressões da questão social.

Nessa pesquisa, direcionaremos o olhar para os jovens participantes de um movimento que está presente nas cidades e tem se avolumado nas últimas décadas, se denominam como pichadores, ou na linguagem deles pixadores escrito com a letra x, ou seja, *pixo*. As ações desse público podem ser visualizadas facilmente nas paredes de prédios, muros e fachadas, causando sensações diversas desde o desconforto, a revolta e até a admiração.

2.2 O PROCESSO HISTÓRICO DAS GRAFIAS DO PICHOS.

Silveira (1991) relata sobre a origem das manifestações através dos símbolos e letras, explicando que as primeiras intervenções surgiram na pré-história, com as escritas e desenhos nas cavernas, através da arte rupestre, os povos gregos, romanos e egípcios entre outros, deram continuidade as intervenções artísticas com grafias ou signos. Para o autor nessa maneira de comunicação os povos “[...] testemunham a condição humana, a permanência de grandes problemas e pequenas preocupações que fazem dela um cortejo heteróclito.” (1991, p.10). Assim as manifestações desses povos contrariavam as regras estabelecidas e demonstravam a realidade das suas vivências cotidianas.

De acordo com Feitosa (2005) a cidade de Pompeia foi coberta pelas lavas do vulcão Vesúvio no ano 79 d.c. e permaneceu sepultada por mais de 1600 anos. Ao ser descoberta em 1738, com o início das escavações foram encontrados uma quantidade expressiva de grafias transcritas nas paredes da cidade.

Feitosa pontua que as intervenções de grafite foram preservadas, e eram feitas com um tipo de estilete de ponta afiada e friccionada na parede, segundo ela a origem da palavra inscrição vem do latim *inscriptio* que significa ação de escrever, esse termo na contemporaneidade é utilizado para definir um entalhe ou gravação em superfícies como pedra, madeira, metais, vidros, paredes ou outra área adequada a essa técnica.

De acordo com a autora, haviam maneiras diversificadas dessas intervenções com as grafias, os *monumentais*, que eram feitos com letras maiúsculas para

identificar espaços públicos, monumentos e também para informar sobre as leis, e os *comuns*, que utilizavam letras minúsculas e eram usados pela população como meio de comunicação, através de anúncios, críticas políticas, declarações amorosas e recados. Essas inscrições comuns eram conhecidas como grafites, e são derivadas da palavra *graphium*. Em Pompéia foram encontrados 10.913 grafites, esses achados são importantíssimos para a construção da história, já que, os outros tipos de registros em livros ou tabuletas de cera foram totalmente destruídos pelo vulcão.

Em Paris as manifestações dos integrantes do picho surgiram em 1968 e eram consideradas *armas de reivindicações*, segundo Fonseca (1981), essa maneira de comunicar foi classificada por muitos como uma verdadeira guerrilha urbana, uma possibilidade de comunicação eficiente e incômoda. As mensagens desses sujeitos ficaram restritas aos muros internos da Universidade de Sorbonne, porém, foram uma forma de confronto com a ordem estabelecida desde o Sec. XVIII que ultrapassou os muros em questão.

Nascimento (2015) reforça que as intervenções desses jovens, bem como a manifestação das expressões por signos são intrínsecas na história da humanidade. O autor pontua que na cidade de Paris nos anos de 1968, foram retratadas pichações pelos universitários, com intuito de questionar as normas vigentes.

Fonseca explica que esse movimento influenciou diretamente o surgimento da pichação em Nova Iorque, onde os guetos foram ocupados com as grafias de picho, pelos jovens negros e imigrantes. Essas intervenções eram feitas com nomes fictícios, números e endereços. Para realizar as ações, eram utilizadas tintas sprays coloridas, que chamaram a atenção do movimento artístico.

Para Fonseca (1981) essa ofensiva foi além da estética, havia uma necessidade de ocupar os espaços, de gritar, de manifestar a opressão. As paredes comunicavam que os jovens negros e porto-riquenhos também existiam, não era um grito individual, era uma manifestação de uma comunidade de pessoas oprimidas pelo sistema econômico em vigor e pelas tensões raciais.

As intervenções dessas pessoas de acordo com a trajetória histórica foram uma possibilidade de expressar as vivências do cotidiano, bem como as inquietações de povos que viveram em tempos históricos, culturas e nacionalidades diferentes.

2.3 AS PRIMEIRAS AÇÕES DAS TRIBOS URBANAS NO PAÍS

No Brasil as primeiras expressões do picho, surgiram na década de 60, no período da ditadura, essas intervenções tinham uma conotação política e expressavam a revolta pela opressão do regime militar, frases como “Abaixo a ditadura”, e “Ditadura assassina” foram escritas em espaços públicos, por ser uma forma de reivindicação e protesto, essas ações foram consideradas subversivas e fora da legalidade no país. As pichações para Soares (2018, p.33) foram “[...]escritas que serviram como registros cotidianos e instrumentos de expressão da luta pelo pleno exercício da cidadania.”

Nessa perspectiva as grafias do movimento de pichação, surgiram como uma forma de resistência contra a opressão da ditadura militar e em defesa da democracia. Nascimento (2015) propõe um olhar atencioso a pichação, e provoca para a necessidade da busca no entendimento ao que foi construído, no limiar da arte, e do que não é considerado como tal.

O autor pontua sobre as várias visões da sociedade sobre o picho e seus agentes, desde uma ação de vandalismo, crime ambiental ou mesmo poluição visual. Para ele a pichação no Brasil teve um desdobramento a partir de 1980, e adquiriu características próprias principalmente na cidade de São Paulo onde nasceu.

Nascimento (2015) relata que na capital paulista o cerne da identidade dos integrantes do picho é o chamado Tag Reto, que são as letras retas, pontudas e alongadas, as quais são pintadas com rolinhos de tinta ou com spray. Essas grafias foram baseadas nas bandas de rock dos anos 80, que por sua vez tinham referências nas runas nórdicas. O tag reto desenvolvido pelos pichadores paulistas, é um estilo de letras único que transpôs os limites da cidade e conquistou os muros e paredes do mundo, além do reconhecimento como uma nova forma de arte contemporânea.

O autor ainda refere, que esse movimento escrito com a letra x é uma manifestação de caráter urbano e artístico, com a peculiaridade, de uma grafia singular, própria, distinguindo-se das manifestações da pichação encontradas nas diversas regiões do planeta. Para Nascimento (2015, p.18) “O movimento Pixo foi

ganhando força e adeptos ao longo dos anos e hoje é facilmente encontrada espalhada pelas cidades do interior paulista.”

Nascimento explica que (2015, p.17).” A pichação, especificamente no contexto do Brasil, acompanha o desenvolvimento urbano, o crescimento desordenado das grandes cidades e a formação de metrópoles com o Rio de Janeiro e São Paulo.” Assim, é possível compreender o aumento exponencial do envolvimento de uma parcela considerável de jovens nesse meio, bem como a dificuldade do poder público em ações que diminuam essas ocupações pelo movimento do picho.

2.4 AS NORMATIVAS PARA CONTROLAR OS JOVENS PICHADORES NO BRASIL- CRIME AMBIENTAL OU MANIFESTAÇÃO POLÍTICA

O Brasil teve suas primeiras manifestações através das grafias nas paredes no período da ditadura, porém foi nos anos 80, na cidade de São Paulo, que as ocorrências das pichações começaram a chamar a atenção das autoridades.

De acordo com Fonseca (1981) as primeiras intervenções com sprays, tiveram início na capital paulista, no entorno das universidades, nos bairros elitizados e foram realizadas por jovens que tinham acesso à educação de qualidade.

Esses primeiros traços provocaram reclamações direcionadas a mídia escrita, e a resposta do poder público, foi a aplicação da lei para coibir esses indivíduos no delito da pichação,” [...]a prefeitura determinou uma multa equivalente a dez salários mínimos, por danificação da propriedade alheia, ao grafiteiro autuado em flagrante.” (FONSECA,1981, p.59).

Além das multas aplicadas, Fonseca (1981) explica que a prefeitura direcionou equipes para apagar as grafias, porém essas abordagens não deram resultado, pois a pichação se espalhou por toda a cidade, e também ganhou espaço na propaganda televisiva, nos palcos teatrais e nas capas de materiais didáticos.

No Brasil a pichação é considerada crime ambiental e tem sanções para os transgressores, de acordo com a Lei nº 9605, Art. 65, no entanto, as implicações legais que deveriam coibir as ações, de acordo com os jovens integrantes do movimento, podem ser um estímulo para o desejo de pichar ou conspurcar.

Para Santos (2007, p.63-64) “A lei é a do processo produtivo, cujos resultados ofendem, expulsam e desenraizam as pessoas, e não a lei que assegure o direito à cidade ou, ao menos, o direito ao entorno.” Assim, foram sendo desenvolvidas normativas para diminuir as manifestações das tribos urbanas por todo o país, buscando possibilidades de contenção.

Foucault colabora nessa discussão, sobre a intervenção do poder público, como um agente regulador, para o autor, as leis são ferramentas do Estado para o ordenamento social e sempre que existe necessidade de intervenção elas são aplicadas, pois tendem a evitar “Uma série de ilegalidades surge em lutas onde sabemos que se defrontam ao mesmo tempo a lei e a classe que a impôs.”(FOUCAULT, 1987, p.301,302).

Como tentativa de diminuir as ações desses jovens através das intervenções do picho, a ²Lei nº9605, de 12 de fevereiro de 1998, foi alterada em 25 de maio de 2011, com endurecimento nas penalidades, reforçando o movimento como algo ilegal, ficando da seguinte forma:

Art.65 Pichar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano:
Pena – detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa. (BRASIL, 2011)

No seu Parágrafo 1º ela pontua que: “Se o ato for realizado em um monumento ou coisa tombada em virtude do seu valor artístico, arqueológico ou histórico, a pena é de 6 (seis) meses a 1 (um) ano de detenção e multa.” (BRASIL, 2011).

Sobre o meio ambiente a Constituição Federal do Brasil no seu Art. 225. diz que:

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se o Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações (BRASIL,1988).

² Lei nº9605, alterada no Art. 65-Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9605.htm />
Acesso em: 17 de outubro de 2021

Sobre as normativas estabelecidas na Constituição, a mesma lei no seu parágrafo 3º, enfatiza que o sujeito que praticar alguma ação indevida ao meio ambiente, estará sujeito a responsabilização de acordo com a justiça.

As leis muitas vezes têm um olhar diferente, de acordo com a ideologia e a classe social envolvida, *para* Foucault (1987, p.303) “[...] a linguagem da lei que se pretende universal é, por isso mesmo, inadequada deve ser, se é para ser eficaz, o discurso de uma classe a outra, que não tem nem as mesmas ideias que ela, nem as mesmas palavras.”

Dessa forma a ocupação das propriedades privadas pelos rabiscos, provoca um embate entre aqueles de melhor poder aquisitivo, que residem nas áreas privilegiadas das cidades e os jovens que são considerados por uma parte da sociedade como vândalos ou desocupados, no entanto. vivenciam uma realidade da opressão pela própria sociedade que os rotula.

2.5 AS LEIS MUNICIPAIS PARA COIBIR OS SUJEITOS DO PICHOS EM CURITIBA.

Em Curitiba as normativas para as ações de pichação ou de grafite sem a autorização, são passíveis da seguinte abordagem, o indivíduo adulto é detido pela Guarda Municipal ou Polícia Militar, e direcionado a Delegacia de Proteção ao Meio Ambiente para dar início a transação penal. Já o adolescente é levado para a Delegacia do Adolescente para os encaminhamentos legais.

Com o decorrer do tempo, as leis foram sendo alteradas em Curitiba, devido a propagação das intervenções de picho na cidade, houve a necessidade de adequação e novas abordagens legais, ficando assim dispostas na ³Lei Ordinária 11095 2004, na Seção VII, que trata da irregularidade na publicidade e pintura no Art. 100 diz que:

É proibido pichar, desenhar ou escrever em muros, fachadas, colunas, paredes, postes, árvores, abrigos de paradas de coletivos, placas de

³ Seção VII, Art. Disponível em: < <https://leismunicipais.com.br/a/pr/c/curitiba/lei-ordinaria/2004/1109/11095/lei-ordinaria-n-11095-2004-dispoe-sobre-as-normas-que-regulam-a-aprovacao>> - Acesso em : 01/12/2021.

sinalização, equipamentos de mobiliário urbano, monumentos ou qualquer lugar de uso público e privado. (CURITIBA,2004).

De acordo com a Defesa Social, o município tem investido para coibir as ações de pichações em Curitiba, A Guarda Municipal dispõe de um sistema de vídeo monitoramento, o qual está integrado a denúncias realizadas pela população da cidade. Essa abordagem tem dado resultados, com um aumento significativo nas atuações em flagrante no ato da pichação, desde janeiro de 2021, foram contabilizados 71 direcionamentos para as autoridades competentes, em comparação com o total do ano passado que foi 63 ocorrências.

As informações apontam que a maior incidência está localizada na região central da cidade, nessa área ocorreram 43 atuações até a data da publicação no site, igualando o total do ano passado. O bairro do CIC aparece na sequência com 10 flagrantes. durante o ano. De acordo com o Comandante da Guarda Municipal Carlos Celso dos Santos Junior.: “A observação pelas câmeras instaladas, com repasse das informações em tempo real para as equipes operacionais em patrulhamento pelas ruas, tem auxiliado no crescimento dos flagrantes pelo delito.”

O engajamento da sociedade ao acessar o 153 através das denúncias, contribuiu para o aumento das estatísticas relacionadas aos flagrantes da pichação. Atualmente o valor da multa por pichação é de R\$ 5.215,50 em patrimônio particular e de R\$10.431,00 em patrimônio público. Como está normatizado no Código de Posturas de Curitiba (Lei 11.095/2004) sendo que a reincidência no crime acarreta a multa no valor dobrado.

No entanto, apesar de todas as ações do poder público municipal, é perceptível, que ao caminhar pelas ruas da cidade os transeuntes se deparem todos os dias, com novas intervenções das grafias do picho. A mobilização para conter os sujeitos que participam desse movimento não tem impedido o avanço das ações. O endurecimento da fiscalização, o aumento do valor das multas, o monitoramento e o patrulhamento ostensivo parecem ser apenas um estímulo para que esses participantes conquistem mais espaços com suas grafias.

Na capital paranaense⁴ os locais preferidos, para os sujeitos deixarem suas grafias, são as áreas de grande circulação, ou seja, a região central da cidade, o lugar de maior incidência é o Centro Histórico ou Bairro São Francisco, pois é considerado um point do movimento, e, em seguida o Bairro CIC. A capital paranaense tem forte influência com a cultura de São Paulo, na cidade a maioria das pichações são de picho reto, e as letras pretas e retas estão proliferadas por toda a cidade.

Segundo Prosser para as tribos urbanas a possibilidade de contestação e a determinação através da “[...] resistência é um conceito chave, ao lado da identidade e do pertencimento. É a partir das questões de dominação, imposição e segregação que os interventores urbanos buscam a mudança mediante o enfrentamento ideológico.” (2009, p.70).

Esse embate acontece com dinamismo, uma verdadeira queda de braços, que de um lado estão o poder público e a sociedade civil e do outro os interventores urbanos.

Entretanto, essas formas de ocupações que fazem parte dos espaços da urbe, mudam as características dos imóveis e causam a irritação e a indignação dos proprietários, dos locatários e dos habitantes da cidade, além de serem propagadas pelas mídias televisivas, impressas, radiofônicas e sociais.

De acordo com matéria divulgada em um programa local, em Curitiba⁵, a pichação é um tipo de sujeira que incomoda e traz prejuízos para os proprietários dos imóveis. A reportagem ainda relata que não existe punição para eles, segundo as pessoas ouvidas, os pichadores são criminosos e folgados e sujam os bairros tradicionais da cidade, na continuidade, é dito que os autores são pessoas adultas e que não amadureceram, e não estão passando nenhuma mensagem com o picho.

⁴ Disponível em: < <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/trabalho-de-repressao-a-pichacao-aumenta-na-cidade/60847> > Acesso em : 05/01/2022.

⁵ Disponível em: < <https://youtu.be/fimSNv-CD0Y> > Acesso em: 27/01/2022

3. ENTENDENDO A CULTURA E OS SUJEITOS DA PIXAÇÃO

No segundo capítulo trataremos das especificidades do universo do pixo, com seus significados, simbologias e as interações dos atores urbanos. Ainda, traremos a discussão quanto a associação de substâncias psicoativas, bem como, as violências inerentes nesse contexto.

Como foi explicado na metodologia, para o desenvolvimento dessa parte do trabalho de pesquisa, usaremos a palavra pixo com X, como é utilizada pelos membros do movimento da pixação.

Mas afinal quem são esses sujeitos? O que eles querem comunicar com as intervenções urbanas? Para buscarmos a compreensão é necessário um olhar mais atento para esses signos.

Para Prosser o significado de intervenção urbana pode estar associado as ações dos “[...] pichadores, espontâneas, sem regras, que particularizam lugares, modificam e recriam a paisagem urbana – portanto, interveem sobre ela.” (PROSSER, 2009, p.18).

A pluralidade da rua pode ser percebida pela sociabilidade dos sujeitos que ocupam os espaços urbanos, como local de interação, pois de acordo com a autora: “[...] na companhia de amigos, realizando uma atividade ou construindo um graffiti em conjunto, torna cada evento um lugar de encontro, de comunicação entre os pares, de troca, de ampliação das redes de amizade.” (PROSSER, 2009, p.16).

A dinâmica da cidade faz aflorar os sentimentos desses atores sociais, e oportuniza a expressão das suas inquietações, na visão de Prosser (2009, p. 54) “De fato, na arte de rua, percebe-se que a jovem busca entender o seu mundo, posicionando-se perante ele, a sua cidade e a sociedade.” No entanto, essa busca por esse entendimento, essa maneira de externar o que sente, na maioria das vezes não é compreendida pela sociedade.

Abramovay *et al.* pontua que: “A exclusão social é claramente percebida pelos jovens mediante a comparação entre riqueza e pobreza, as diferenças sociais e a injustiça da sociedade em que vivem.” (1999, p.173). Para autora o rico é privilegiado e totalmente amparado pela sociedade, em comparação com o pobre, que é constantemente humilhado e excluído por ela.

Assim, é uma possibilidade que estes agentes do movimento queiram utilizar os sprays como uma arma de confronto e assim, ocupem os espaços comuns, no entanto, essas intervenções acabam produzindo um certo desconforto pela agressividade na apropriação dos espaços.

Prosser refere que no imaginário de uma parte significativa da sociedade, os grafiteiros e pixadores trazem o estigma do preconceito e são retratados como delinquentes, segundo a autora, os sujeitos:

Apresentam-se em pequenos grupos formados por jovens que, em um mundo de desigualdade social, polarização da riqueza, racismo, crescente depauperação da natureza e desencontros culturais, se expressam, como mencionado, pela dimensão iconoclasta e anárquica. (PROSSER, 2009, p.21)

Nascimento discorre que para a população, as intervenções destes agentes são apenas rabiscos sem sentido. Porém, os participantes do movimento são extremamente organizados, politizados, e sabem o que querem comunicar, para eles as grafias são uma possibilidade de confronto contra o sistema que os oprime, ainda sobre essa questão Nascimento pontua que:

É possível que a afronta sobre a propriedade privada, marca registrada da pichação, considerada um ato político pelos pichadores e admiradores, sirva apenas para alimentar ainda mais a violência e a falta de uma ética pública na sociedade em que vivemos. (NASCIMENTO, 2015, p.40)

No entanto, este choque de ideias proporcionado pelo pixo não é percebido como eles presumem, pois segundo Carvalho (2013) as pessoas, visualizam os traços do pixo e tem a percepção de que sejam algo simples, ou ações de desocupados, porém, por trás das grafias dispostas nos muros da cidade, existe muito estudo e dedicação, afinal os traços são elaborados como uma identidade única do pixador, cada jovem cria a sua assinatura ou *vulgo*, que deve ser singular, e ninguém pode imitar, pois essa conduta não é aceita dentro dos grupos do pixo.

As intervenções realizadas por esses personagens, podem ter direcionamentos diversos e se manifestam com propósitos específicos, mas sempre o objetivo é a comunicação, mesmo que seja para um público seletivo. Em muitas ações a pichação possui um intuito político, com frases contra o Estado, que retratam a insatisfação pela

realidade material vivenciada por eles, como pode ser visualizada nas fotos abaixo, conforme a IMAGEM 1 e IMAGEM 2.

IMAGEM 1 e 2 MANIFESTAÇÃO POLÍTICA.



Fonte: Acervo Pesquisadora (2021).

Legenda: Muro 1. Pixação localizada na: Rua Escritora Lourdes Strozzi, Parolin, Curitiba. - Muro 2. Pixação localizada na: Rua Desembargador Westphalen, esquina com Av. Sete de Setembro-Centro, Curitiba- Paraná.

Essas intervenções com cunho de protesto ou reivindicação foram produzidas durante o ano de 2021 no período da pandemia, em função do Covid 19, as mesmas solicitam o cancelamento de cobranças de água e luz “*Pelo cancelamento das contas de água e luz*” ou frases contra a gestão atual como “*Fora Bolsonaro*”.

Os integrantes destas tribos urbanas também se agrupam em *crews*, ou grupos formados por agentes que possuem uma assinatura coletiva, para a inclusão nestes grupos o sujeito deve respeitar as condutas inerentes ao meio, e assim poderá usar a assinatura coletiva da crew, quando sair para um *rolê*, ou seja quando for pixar.

Em determinadas *crews* a identidade do grupo pode trazer a questão socioeconômica dos integrantes, bem como, a opressão percebida por eles, a foto abaixo retrata uma turma específica oriunda de Curitiba, esse foi o primeiro grupo a chamar a atenção por parte da pesquisadora pelo nome sugestivo utilizado pelos participantes.

Assim, entender o real significado das grafias expostas nos diversos locais da cidade, se faz necessário, para conhecer os autores destas ações, seus anseios, suas reivindicações e qual a mensagem que querem passar, conforme foto abaixo disposta na IMAGEM 3.

IMAGEM 3 - CREW ISK6 OU ESCASSEZ



Fonte: Acervo Pesquisadora (2021).:

Legenda :Muro 3. Pixação - Marginal Linha Verde, km 476, ao lado do Mundo das Telhas, Bacacheri, Curitiba-Paraná.

Quando pesquisamos o conceito da palavra escassez a resposta é a seguinte:

⁶ 1- Qualidade daquilo que é escasso ou que escasseia, 2- Falta de algo necessário (ex: escassez de bens alimentares) = CARESTIA, MINGUA ≠ ABUNDÂNCIA, FARTURA.

Dessa maneira, a palavra utilizada para identificar esse coletivo, causou um incomodo na pesquisadora e a fez refletir sobre qual o propósito da escolha de ISK6 ou ESCASSEZ, na época foram muitas tentativas de decifrar o real significado dos símbolos utilizados para denominar a *crew*, após a identificação surgiram muitas perguntas, escassez do que? de comida? educação? segurança? cultura? Qual a mensagem que eles querem passar? Na sequência foi percebido, que além deste

⁶ **"escassez"**, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/escassez> [consultado em 17-01-2022].

grupo existiam outros que retratavam a mesma inquietação social, como *POBRES*, *FAVELADOS*, *MALACOS*, *O LIXO* entre outros.

Abramovay *et al.* pontua que “[...] os jovens se identificam com a pobreza quando comparam o rico e o pobre, e ficam revoltados com as diferenças sociais, sentindo-se discriminados afirmando viver em uma sociedade injusta.” (1999, p.52).

Partindo desse pressuposto, essas manifestações podem ser oriundas da necessidade de reação pela exclusão, pela desesperança ou a opressão vivenciada por eles, na fala da autora:

A necessidade de reagir a exclusão vai levar esses jovens a marcarem sua identidade por meio de uma retórica violenta, procurando seu espaço pela grandiloquência, querendo parecer bizarros e diferentes”. (ABRAMOVAY *et al.* ,1999, p.53)

A escolha pelo nome, ou seja, a maneira como querem ser reconhecidos na identidade coletiva, pode sinalizar a visão que incorporaram sobre si, da própria condição socioeconômica que vivenciam, e esta interpretação, muitas vezes é externada com agressividade, segundo Abramovay *et al.* (1999) o contexto vivenciado pelos jovens pode ser um motivador para as reações de violência contra a sociedade que na percepção deles os reprime.

Necessário uma reflexão, se a inquietação provocada pelo modo de produção atual pode ser um fator para as manifestações dos sujeitos. Na opinião de Prosser “O escritor urbano, inconformado com aspectos da realidade imposta pelo sistema econômico, social, legal e político, mantém-se no ponto de tensão entre o mundo existente e aquele que ele crê que poderia existir.” (2009, p. 57).

A necessidade de se manifestar, de confrontar e de visibilidade pode ser compreendida na fala de Prosser que diz que: “A luta pela sobrevivência ultrapassa as necessidades de alimento e de abrigo, levando o indivíduo à luta quer por espaço físico e sustento, quer por reconhecimento e por diferentes ideologias.”(PROSSER, 2009, p. 22).

De acordo com o relato das autoras é possível pensar que estes sujeitos usem os sprays e rolos de tinta como uma ferramenta reivindicatória, como uma arma de defesa e protesto. Prosser: (2009, p.43) afirma que “De fato, o artista de rua não aceita

a imposição do sistema, das normas, de uma vida pré-programada e pré--organizada, de um *modus vivendi* estabelecido.”

Prosser complementa que a luta dos artistas de rua é contra uma forma de dominação, contra um sistema que oprime e explora. Para os jovens a rua é um lugar de possibilidades de externar os anseios, as dores e as aflições.

3.1 A VIOLÊNCIA NO COTIDIANO DESSES ATORES URBANOS: TROPEÇOS, QUEDAS E MORTES.

A participação nestes coletivos causa empoderamento e respeito, os integrantes na medida que conquistam espaços com maior dificuldade de acesso, são valorizados pelo movimento e geram ⁷*ibope*, ou seja, conquistam a fama e o respeito dos demais.

De acordo com os sujeitos, a possibilidade de pertencer a sociedade, sair do anonimato ser visto e reconhecido pelos pares, pode ser um motivador para a superação dos medos e desafiar as alturas é algo motivador. Segundo Carvalho quanto maior a complexidade para a execução do pixo, maior será o reconhecimento e a admiração por parte dos integrantes desse universo, pois:

[...] quanto maior a dificuldade demandada pelos fatores limitantes da ação do pixador, tais como, sistemas de segurança privados, cercas elétricas, altura do prédio escalado, proximidade e patrulhamento da polícia, dentre outros, maior será o seu reconhecimento em meio aos pixadores da sua *galera*, bem como dentre as outras *galeras* de pixação – maior será o seu *ibope*. (CARVALHO, 2013, p.1)

No documentário ⁸Pixo (2010) entre as várias falas desses sujeitos é perceptível a revolta em relação a sociedade contemporânea, sendo o pixo na percepção deles um movimento anárquico, de confronto e reivindicação. Para esses sujeitos a pixação é uma forma de agredir a sociedade que os oprime, uma forma de incomodar, de pertencimento, de visibilidade além de ser uma maneira de ocupar os

⁷ Ibope na cultura do pixo significa reconhecimento ou notoriedade.

⁸Documentário Longa Metragem PIXO 2010 disponível <
<https://www.youtube.com/watch?v=skGyFowTzew> > acesso em 07/12/2021

espaços e demonstrar que também fazem parte da cidade. A maioria se identifica como periférico e pobre. De acordo com o que verbalizam, as motivações principais são a busca do reconhecimento social, alternativa de lazer e a adrenalina.

Segundo o documentário existem várias categorias do pixo, em conformidade com a maneira de acesso aos espaços escolhidos para a intervenção, são eles: pé nas costas ou jigerê, muro, porta, escalada, janela, escada, prédio, rapel ou descida de corda.

As categorias de janela e corda são muito conceituadas pelos sujeitos, pois segundo eles, demonstram engajamento no circuito do pixo, assim conquistam o respeito e o ibope almejado nesse contexto. Essas modalidades são extremamente arriscadas e com muita dificuldade de acesso, ultrapassando as barreiras de segurança dos prédios, casas ou qualquer outra construção que seja apropriada para as intervenções.

As fotos disponibilizadas a seguir, retratam uma ação na categoria janela e porta e na imagem seguinte várias intervenções por acesso com corda e prédio em um edifício, ambas na cidade de Curitiba, como podem ser observadas nas fotos a seguir, nas IMAGENS 4 e 5.

IMAGEM 4 E 5 JANELA E CORDA



Fonte: Acervo Pesquisadora (2021):

Legenda 1 janela e porta – Pixação com escalada de janela – Av. Winston Churchill, 140- Capão Raso, Curitiba-Paraná.

Legenda 2 empena – Pixação com descida de corda, Rua Monsenhor Celso, 280- Centro, Curitiba- Paraná

Muitas vezes para os atores do pixo, as ações são percebidas como uma alternativa de distração ou lazer, uma possibilidade de sociabilidade, ou ainda, uma maneira de desafiar as normas estabelecidas, de confrontar o sistema. De acordo com Abramovay *et al.*:

A pichação é vista como uma alternativa quando não se tem nada para fazer, é considerada uma diversão, uma aventura cheia de emoções porque implica enfrentar o perigo, correr da polícia, desprende muita adrenalina e vicia como uma droga. (1999, p.117)

As quedas também podem fazer parte desse contexto, pela exposição aos perigos relacionados a determinados espaços almejados por esses atores, muitas vezes com resultados trágicos. Durante o desenvolvimento desta pesquisa, no período de julho a dezembro de 2021, em Curitiba três jovens faleceram de forma violenta, e ainda outro membro de uma das crews, durante uma ação de pixo, sofreu uma queda de marquise, que resultou em afundamento craniano e comprometimento neurológico com sequelas para a vida toda.

3.2 OS SUJEITOS DO PIXO E AS SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS: UMA VIAGEM PARA ALÉM DAS PAREDES.

Outro fator que merece a atenção é a combinação de substâncias psicoativas com as ações de pixações, principalmente em locais altos, são fatores que podem levar a uma viagem para além das paredes, viagem essa, que muitas vezes pode ter um final trágico. pois nessas ocasiões os jovens são expostos muito mais aos riscos de acidentes graves e até fatais. Esta necessidade de vivenciar os riscos, burlar o sistema, confrontar e questionar as normas estabelecidas, muitas vezes está associada ao uso de alguma substância psicoativa. De acordo com a IMAGEM 6.

IMAGEM 6 SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS



Fonte: Acervo Pesquisadora (2021).:

Legenda Porta 1– Pixação Crew BCEN (BATE CARTÃO E ENROLA NOTA)., Av. Marechal Floriano Peixoto, 1825, Rebouças, Curitiba- Paraná

Na foto acima os sujeitos deste coletivo fazem alusão ao uso de substância psicoativa, se denominam como BECEN ou Bate Cartão e Enrola Nota, que neste caso específico, associa o uso da cocaína e da pixação. Essa associação foi observada durante a pesquisa e relacionados outros grupos com o mesmo propósito como por exemplo: *ACIDOS*, *ALUCINADOS*, *CHAROLAS*, *EQB (EU QUE BOLO)*, *MAROLAS*, *NOIADOS*, *PAPELADOS*, *PINOS*, *PIRAS*, entre outros. A relação completa dos 240 dos coletivos identificados em Curitiba, será anexada a esse trabalho.

Sobre a questão do uso das substâncias psicoativas Abramovay *et al.* (1999, p.129) refere que: “Os jovens dizem consumir droga por prazer, por hábito, por revolta. A droga é tida ainda como a única forma de fugir das tristezas e da realidade do mundo.”

Na visão da autora, além de ser uma maneira de fugir da realidade, o uso das drogas muitas vezes é parte da sociabilidade, pois os jovens acabam repetindo a conduta dos demais para serem aceitos.

Associar o uso das substâncias psicoativas com atitudes de violência, é algo que merece atenção por parte da sociedade, pois segundo Minayo *et al.* “Outro problema não resolvido é o que trata do discernimento entre o uso de drogas como um fator que, associado a outros, desencadeia comportamentos violentos e o uso de drogas como fator causador.” (1999, p.81).

O debate proposto pela sociedade tem um foco de repressão e coerção, muitas vezes, culpabilizando os sujeitos em detrimento aos reais fatores causadores dessa situação.

Para Sailas *et al.* “A discussão com muita frequência torna-se deveras emocional, impossibilitando uma reflexão mais fundamentada e racional, que começaria redefinindo o que vem a ser a droga.” (2008, p.139).

Nesse contexto cabe uma reflexão sobre o que é droga, em uma sociedade cercada de condutas que favorecem o consumo de substâncias consideradas lícitas, que também causam dependência como por exemplo o álcool e o cigarro, porém, esses produtos são de interesse do sistema econômico, fato este, que os transformam em “aceitáveis”, mesmo que, sejam prejudiciais à saúde física, emocional, econômica e social dos seres humanos.

Nesse contexto os jovens brasileiros usam os subterfúgios disponíveis e manifestam, na visão deles, a possibilidade de expressar a desesperança na construção de um país que promova políticas públicas de inclusão.

4. UM ESTUDO SOBRE AS CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS DOS JOVENS DO MOVIMENTO DO PIXO (PIXO) EM CURITIBA: ANÁLISE DE DISCURSO.

Em conformidade com o que foi proposto na metodologia, para contribuir no estudo sobre as condições socioeconômicas dos jovens participantes do movimento da pixação em Curitiba, foram realizadas 4 entrevistas com jovens do sexo masculino, participantes do movimento. Aqui cabe uma ressalva, pois estavam programadas mais três entrevistas sendo: duas com o sexo feminino e mais uma com o sexo masculino, porém devido a pesquisadora contrair Covid-19 as mesmas tiveram que ser canceladas.

O parâmetro de escolha dos sujeitos foi pelo envolvimento dos mesmos no movimento do pixo. Os entrevistados foram convidados a participar da pesquisa e após o esclarecimento sobre quais os objetivos das mesmas, aceitaram responder as questões com voluntariedade.

Antes de iniciar o diálogo foi explicado individualmente, sobre o sigilo de tudo que fosse relatado, bem como, a relevância da contribuição de compartilhar suas vivências e saberes para a construção de conhecimento, sobre esse tema tão contemporâneo, na sequência foi lido em voz alta o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual cada participante assinou e recebeu uma cópia.

Com o objetivo de respeitar a identidade e a singularidade dos sujeitos, bem como, a confidencialidade com as informações compartilhadas no estudo, foi sugerido que cada participante escolhesse um nome fictício para ser referido no presente trabalho, os quais foram nomeados de acordo com o QUADRO 1

QUADRO 1 – SUJEITOS DA PESQUISA

Entrevistado	Nome escolhido pelo entrevistado
Entrevistado 1	Dhe
Entrevistado 2	Thiago
Entrevistado 3	Fidel Guevara
Entrevistado 4	Sankara

FONTE: Pesquisadora (2022).

Para atingir o que foi proposto nos objetivos, a entrevista foi elaborada com onze questões fechadas e treze questões abertas. As perguntas fechadas foram aplicadas através do Google Forms, com o intento de quantificar as respostas coletadas, de acordo com Medeiros e Sviercoski (2020) essa técnica garante a exatidão dos resultados obtidos. A pesquisa qualitativa que segundo os autores, oferta a possibilidade de escuta sobre a realidade social dos sujeitos da pesquisa, foi gravada em áudio, a fim de possibilitar a exatidão no material coletado foi utilizado o aparelho celular da pesquisadora para gravar as falas, e na sequência os relatos foram transcritos para o word. A captação dos dados foi realizada individualmente em dias diferentes, geralmente depois da jornada de trabalho dos sujeitos, já que a maioria desenvolve alguma atividade laboral.

Os entrevistados fazem parte de crews diferentes e não possuem proximidade, é possível que já tenham se encontrado em algum encontro de pixo, mas não são amigos.

As entrevistas foram realizadas nos meses de dezembro de 2021 e janeiro de 2022. Entre os jovens participantes da pesquisa, um relatou que mora em bairro periférico da cidade de Curitiba e os outros três na Região Metropolitana.

O perfil dos jovens em relação ao vestuário é específico das tribos urbanas de pixo e skatistas. A vestimenta que os identifica, é composta de camisetas imensas, bermudões ou calças largas, boné e o tênis. De acordo com Abramovay *et al.*;

O modo de vestir, de andar, os gestos, a maneira de falar, a cor, a forma de interação com o grupo de amigos. O mal trajar e a maneira de andar são, ao mesmo tempo, fatores de identificação, de distinção e de discriminação desses jovens. (1999, p.43)

O vocabulário também é peculiar, as gírias e as terminologias específicas dos grupos do pixo fizeram parte da entrevista e foram retratadas na íntegra.

Com o propósito de facilitar a compreensão na análise da pesquisa optou-se pela divisão em quatro categorias, que foram organizadas conforme QUADRO 2.

QUADRO 2 – CATEGORIAS DA PESQUISA

CATEGORIAS	TITULOS
Categoria I	Perfil socioeconômico dos sujeitos do pixo.
Categoria II	As motivações e influências dos autores das grafias

CATEGORIAS	TITULOS
Categoria III	A violência no contexto dos sujeitos da pesquisa
Categoria IV	Os sujeitos do pixo e suas percepções do mundo

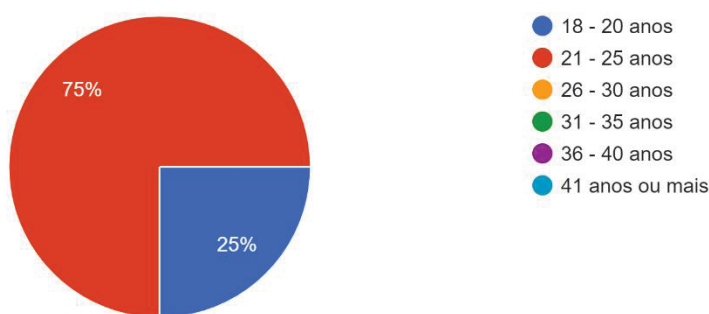
FONTE: Pesquisadora (2022).

4.1 CATEGORIA I - PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS SUJEITOS DO PIXO.

Para identificar as condições materiais vivenciadas pelo participantes e contribuir no entendimento da pesquisa, foram elencadas algumas perguntas, com o propósito de desvelar essa questão. A primeira pergunta direcionada aos sujeitos foi *sobre a idade*, através das respostas foi possível perceber que os jovens tem entre 18 a 25 anos, como relacionado no GRAFICO 1, abaixo:

GRÁFICO 1 – IDADE DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Qual a sua faixa de idade?
4 respostas



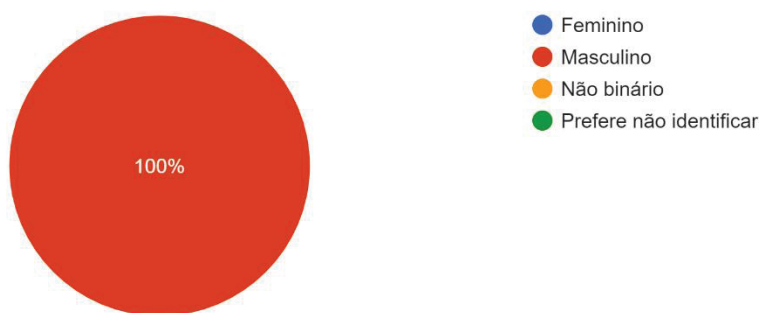
FONTE: A pesquisadora (2022).

Sobre a questão de *gênero*, a maior parte dos participantes do movimento de pixação em Curitiba é composta pelo público masculino. Na presente pesquisa quando indagados sobre essa questão, todos os entrevistados responderam que se

identificam enquanto gênero masculino. conforme poderá ser constatado no GRAFICO 2.

GRÁFICO 2 – GÊNERO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Qual o gênero?
4 respostas



FONTE: A pesquisadora (2022).

Porém, mesmo que seja substancial a quantidade do público masculino, nos últimos anos a figura feminina tem despontado. Sobre essa temática todos os sujeitos referem e valorizam *a importância da mulher no movimento*,

Dhe relatou:

[...] quando você vê uma mulher na pixação eu acho que ela é mais aceita e mais conceituada por tá nesse meio porque às vezes é você sair de madrugada pixar tudo, pra mulher é um pouco mais vulnerável, então eu acho que a mulher é mais aceita no pixação do que os homens ainda. (DHE, 2022)

Para Thiago a mulher deve ser valorizada nas tribos urbanas, pois existe muito preconceito com o público feminino para que conquistem o espaço nas esferas da sociedade. O mesmo ainda refere a qualidade das intervenções das meninas, segundo ele:

[...] assim sabe, só que igual qualquer esfera da sociedade a mulher [...] escondida é bem mais difícil ter seu destaque sim, seu mérito do que o

homem né? Que já nasce com dois passos à frente tipo, nessa injustiça, nessa desigualdade, e é a mesma coisa na pixação tipo é muito importante o papel da mulher só que infelizmente, tipo é os cara assim não sabe valorizar, mas por exemplo é, a gente ver a mulherada aí fazendo um movimento tipo bem mais forte do que os pia em questão de, é artisticamente falando também, em questão de qualidade de rolê, em questão de sagacidade. (THIAGO, 2021)

Para Fidel a mulher ocupou espaço no movimento e derrubou preconceitos, hoje existem movimentos LGBT dentro dos grupos e são respeitados, pois também procuram ser articulados politicamente, ele relata:

[...] porque a pixação ela ainda é machista eu sou machista não tem como eu vim dizê aqui pra você que eu não sou, não é porque eu ainda sou homem, entendeu? mas a pixação ela é, é sempre foi machista, né? [...] acho que hoje as pessoas têm falado mais sobre isso, tem falado mais sobre o machismo, sobre o feminismo você tá na pixação você automaticamente já está numa coisa contra o sistema, então você vai conhecer pessoas que também estão contra o sistema as feministas [...], hoje tem um movimento LGBT dentro da pixação, [...] um tempo atrás cara, os cara colasse pra pixa dava risada, tinha gente que batia, entendeu? (FIDEL GUEVARA, 2021)

Sankara também contribui na discussão, ele valoriza a contribuição da mulher e verbaliza que:

[...] então eu acho que a mulher tem um papel tão importante quanto o homem e tem que ser valorizado o trampo das minas tão quanto o dos homens (SANKARA, 2021).

O preconceito está encrustado na sociedade contemporânea, muitas vezes despercebido e naturalizado por ela. Para Sailas et al.

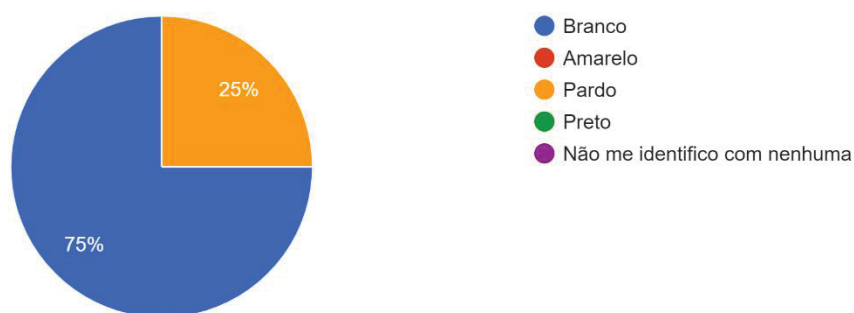
[...] a chamada invisibilidade do preconceito não consegue encobrir seus efeitos. Os grupos mais pobres ou negros, nesse sentido, não têm dúvidas em estabelecer um vínculo estreito entre preconceito racial e status social, apontando assim, parte da responsabilidade pelo preconceito e denunciando velhas ideias conservadoras que ligam os negros e os pobres à contravenção. (2008, p.313)

Corroborando com a fala de Sailas *et al.*, sobre o preconceito em relação a cor da pele, os sujeitos relataram que percebem essa estigmatização. Quando questionados sobre como se identificam em relação a cor da pele as respostas foram as seguintes, descritas conforme o GRAFICO 3.

GRÁFICO 3 – COR OU RAÇA DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Qual a sua cor ou raça?

4 respostas



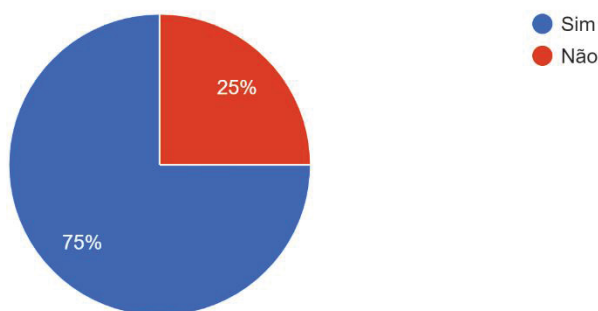
FONTE: A pesquisadora (2022).

Quando questionados se desenvolvem alguma atividade remunerada as respostas foram quantificadas conforme GRAFICO 4 abaixo:

GRÁFICO 4 – ATIVIDADE REMUNERADA DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Desenvolve alguma atividade remunerada?

4 respostas



FONTE: A pesquisadora (2022).

Dos quatro entrevistados apenas um relatou que no momento não está trabalhando formalmente, o sujeito pontuou que está desempregado e com dificuldades de encontrar um trabalho formal, disse que esporadicamente faz entrega de delivery de alimentos de bicicleta. Porém, os demais apesar de terem um trabalho, com registro em carteira, demonstraram descontentamento com as funções exercidas por eles, e dizem que trabalham porque precisam pagar as contas. Conforme colabora Abramovay *et al.*

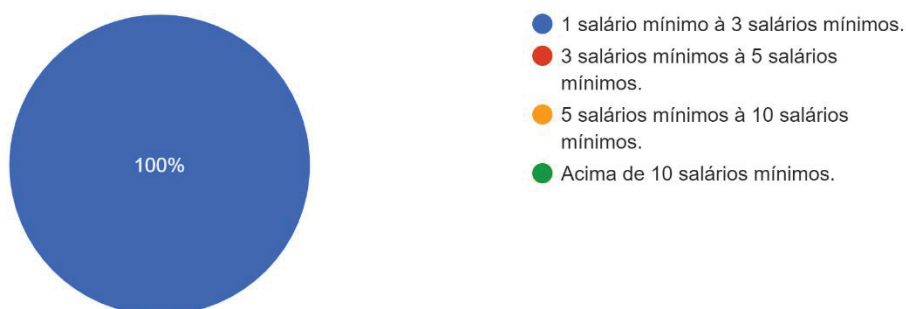
[...] o significado de trabalho se resume a assegurar meios de sobrevivência e de satisfação de necessidades e desejos: não é percebido como fonte de satisfação em si mesmo, como atividade construtiva e oportunidade de realização pessoal. (1999, p.83)

Quando questionados sobre a faixa de renda todos se enquadraram entre um a três salários mínimos conforme o GRÁFICO 5.

GRÁFICO 5 – FAIXA DE RENDA DOS SUJEITOS DA PESQUISA –

Qual a sua faixa de renda?

4 respostas



FONTE: A pesquisadora (2022).

A faixa salarial pontuada pelos entrevistados desvela as condições sociais dos mesmos, é incontestável que os proventos pagos aos trabalhadores brasileiros não sejam adequados a suas necessidades humanas. Para Santos,

[...] a atribuição do chamado salário-mínimo, isto é, da quantidade mínima de dinheiro capaz de assegurar uma vida decente para cada qual e sua família, não pode ser estabelecida em função dos simples mandamentos da "economia", mas da cultura. Quando aceitamos que sejam pagos salários de fome a uma boa parte da população, é certo que estamos longe de possuir uma verdadeira cultura. (SANTOS,2007, p.17).

Pela fala do autor é compreensível a percepção do trabalho pelos entrevistados, pois o exercício laboral pode ser percebido muitas vezes por eles como um fardo, ou apenas uma imposição para a sobrevivência dos mesmos.

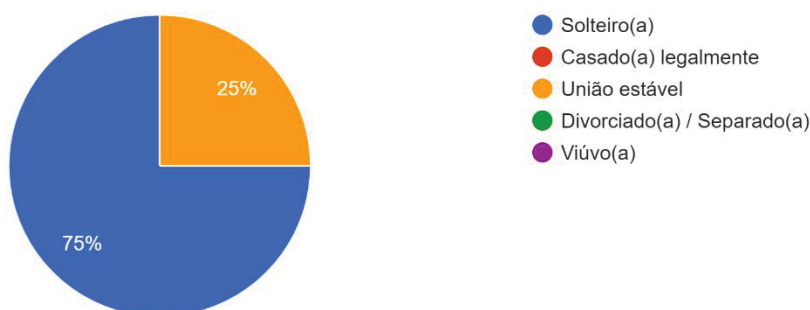
O trabalhador no modo de produção atual, recebe como salário apenas o mínimo necessário para sua sobrevivência, de acordo com Iamamoto: “A venda dessa mercadoria é a contrapartida necessária para a obtenção do equivalente em dinheiro à sua subsistência [...]” (IAMAMOTO,2012, p.379).

Ao serem indagados sobre o estado civil, apenas um sujeito relatou ter uma união estável, os outros três pontuaram que são solteiros, conforme GRÁFICO 6.

GRÁFICO 6 –ESTADO CIVIL DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Qual seu estado civil?

4 respostas



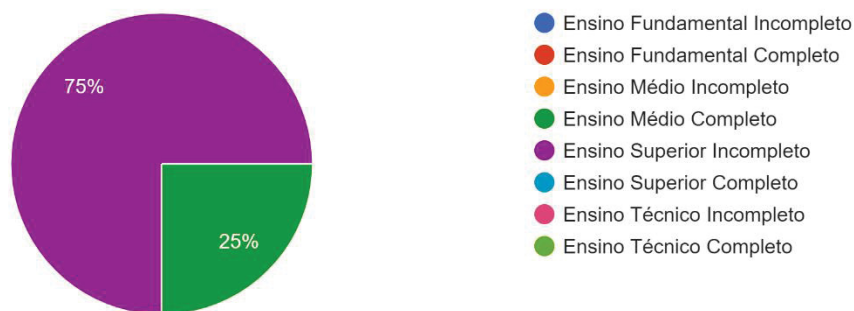
FONTE: A pesquisadora (2022).

Em relação a escolaridade o que chamou muito a atenção, foi o fato de que, entre os quatro sujeitos da pesquisa três referiram que possuem o Ensino Superior Incompleto, porém todos verbalizaram que pararam de estudar pelas condições econômicas, pois não conseguiram conciliar a rotina intensa dos estudos e do trabalho, além da mensalidade do curso, segundo GRÁFICO 7.

GRÁFICO 7 –ESCOLARIDADE DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Qual a sua escolaridade?

4 respostas



FONTE: A pesquisadora (2022).

As falas dos sujeitos corroboram na percepção do quanto o ensino superior é seletivo e de difícil acesso para os mais pobres, segundo Sailas *et al* (2008) nos estratos sociais menores a evasão escolar é acentuada, e os impactos dos cortes de verbas na área educacional pública, bem como a necessidade de bolsas de estudo ofertadas pela área privada de ensino, acabam impedindo esses sujeitos de ascender socialmente.

No Estatuto da Juventude estão assegurados aos jovens o direito a educação superior de qualidade, porém existe uma lacuna imensa entre o que está disposto na Lei e o que é consolidado na vivência desses brasileiros, de acordo com a Seção II – Do Direito à Educação no seu Art. 8º diz que “O jovem tem direito à educação superior, em instituições públicas ou privadas, com variados graus de abrangência do saber ou especialização do conhecimento, observadas as regras de acesso de cada instituição.” (BRASIL,2013).

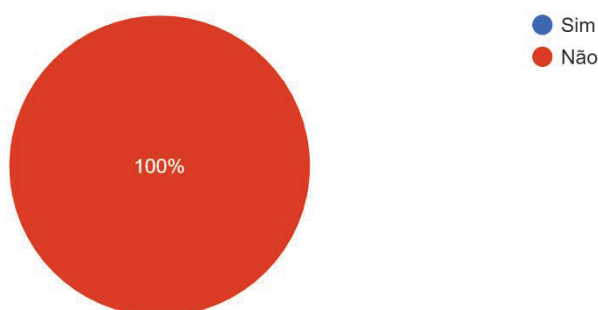
No entanto, é irrefutável que o ensino superior ainda é uma utopia para uma parte significativa da juventude brasileira, seja pela precarização do ensino público que acaba dificultando o acesso às universidades federais, seja pela própria rotina de trabalhador, que muitas vezes não permite conciliar o trabalho e o estudo.

Em relação a condição habitacional, foi perguntado para os sujeitos se *moravam sozinhos*. As respostas dos jovens foram de acordo com o GRÁFICO 8.

GRÁFICO 8 –HABITAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Você reside sozinho?

4 respostas



FONTE: A pesquisadora (2022).

Sobre essa questão de moradia, as respostas foram unânimes, pois todos vivem com a família e independentemente de como seja a composição familiar, é indiscutível a importância que ela ocupa na vida dos sujeitos. Na fala de Minayo *et al* “A família é uma organização complexa um microcosmo da sociedade, onde ao mesmo tempo se vivem as relações primárias e se constroem os processos identificatórios.” (1999, p.83).

Abramovay *et al* colabora no entendimento do quanto a família é significativa na vivência dos jovens, para a autora: “[...] é mais importante do que qualquer outra instituição e tem mais peso do que qualquer relação estabelecida fora do contexto doméstico.” (1999, p.71). É na família que o sujeito começa a se relacionar com o mundo, onde ele recebe as primeiras influências, sociais e culturais, onde se dão as trocas afetivas e os conflitos existenciais e familiares.

4.2 CATEGORIA II - AS MOTIVAÇÕES E INFLUÊNCIAS DOS AUTORES DAS GRAFIAS.

Para entender o que levou os jovens a iniciarem nas grafias do pixo, foi elaborada a seguinte pergunta: *Quais os motivos que os influenciaram a começar a pixar e qual o significado da pixação para eles*, as respostas foram as seguintes:

Dhe relata que foi influenciado pelos irmãos.

Foi a influência, pelos meus irmãos, meus irmãos começaram com a pixação em meados de 2003, 2004, então já tinha essa influência por parte deles. (DHE,2022)

Thiago verbaliza que foram as interações com os outros integrantes onde morava desde criança.

Não foi bem tipo um motivo específico, mas onde eu morava lá em Pinhais é muito forte o movimento do hip hop assim, do skate, do grafiti também era muito presente assim, tipo desde pequeno a gente saia lá na vila, já via assim, muito novo sabe, os cara mais antigos fazendo e cada vez mais rolê, e de vários jeito diferente pixação, bombe, grafiti, tudo né? Daí tipo, é meio que cultural assim, quem não tinha muito que fazer tá ligado? (THIAGO,2021)

Fidel pontua que foi a rebeldia e a inquietude que fez com que começasse a pixar.

Todo mundo queria ter ibope e aí só comecei a fazê, [...], sempre fui rebelde, sempre fui inquieto, eu nunca gostei de, de padrão nem nada, sou bem diferente. (FIDEL GUEVARA,2021)

Já Sankara diz que foi a mensagem política que o atraiu para o movimento.

É mensagem política foi a intervenção política que eu comecei a fazer com a lambe. (SANKARA ,2021)

As normativas federais que asseguram o direito ao acesso a cultura, discriminadas no Estatuto da Juventude e dispostas na Seção VI – Do Direito à Cultura Art. 21. “O jovem tem direito à cultura, incluindo a livre criação, o acesso aos bens e serviços culturais e a participação nas decisões.” (BRASIL,2013). No entanto, não são realizadas no cotidiano desses sujeitos como está respaldado na lei, pois existe um déficit no país em relação aos investimentos relacionados a promoção da cultura e educação.

No Brasil a mesma lei no seu Art. 22. declara como garantia de direito “IV – valorizar a capacidade criativa do jovem, mediante o desenvolvimento de programas e projetos culturais.” (BRASIL,2013). O questionamento é se valorizamos a criatividade dos nossos jovens, se garantimos programas, e enquanto sociedade asseguramos a inclusão no contexto cultural.

De acordo com as falas dos sujeitos da pesquisa, é possível perceber que independentemente dos motivos pontuados por eles, o que pode levar os jovens a iniciar nas tribos urbanas segundo Abramovay *et al.* “[...] é a busca dê respostas para as suas necessidades humanas básicas, como o sentimento de pertencimento, uma maior identidade, auto - estima e proteção, e a guangue parece ser uma solução para os seus problemas a curto prazo.” (1999, p.109).

Pelos relatos, foi percebido que as ações de pixo podem ter motivações e propósitos diferenciados, porém é unânime a importância com que todos trataram o assunto pois, segundo os relatos, *o significado da pixação é uma possibilidade de expressar o que sentem e o que pensam da sociedade contemporânea, na fala deles:*

Para Dhe a pixação é uma forma de comunicação com a sociedade e uma maneira de confrontar o Estado.

Era mais um uma forma de expressar com a sociedade e também um ataque contra os governos. (DHE, 2022)

Na percepção de Thiago a ação de pixar é uma maneira de externar os sentimentos, de colocar pra fora suas inquietações, de reivindicar os seus direitos.

A pixação é uma válvula de escape pra gente poder expressar, reivindicar as coisas, tá aí mostrando que existe né? (THIAGO,2021).

Já Fidel refere que suas ações são uma possibilidade de se manifestar contra o que viveu e vive.

A pixação pra mim ela significa um manifesto, é eu estar me manifestando, eu tá me manifestando contra aquilo que eu sempre vivi, aquilo que eu sempre vi. (FIDEL GUEVARA,2021).

Sankara conclui a questão dizendo que o significado do pixo é fazer qualquer intervenção em espaço público.

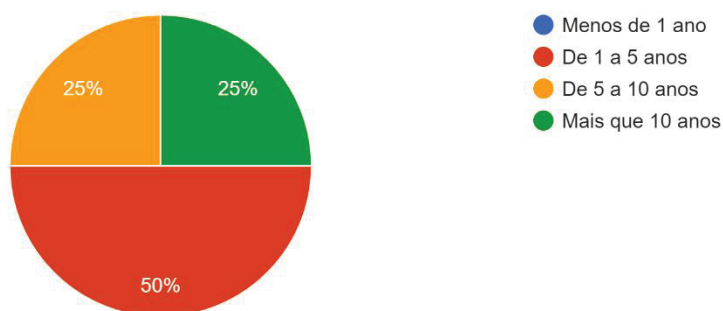
É pixo pra mim é isso, é pintar fazer qualquer intervenção em espaço público sendo artístico ou não, sem autorização acho que o pixo é isso. (SANKARA,2021).

Quando questionados *há quanto tempo estão participando do movimento do pixo*, as respostas foram as seguintes: dois dos jovens participam do movimento a menos de 5 anos, um de 5 a 10 anos e o último participa a mais de 10 anos conforme o. GRÁFICO 9.

GRÁFICO 9 –TEMPO NO PIXO DOS SUJEITOS DA PESQUISA.

A quanto tempo você faz parte do movimento da pichação

4 respostas



FONTE: A pesquisadora (2022).

A princípio o movimento do pixo parece algo fechado, difícil de ser desvelado, de se aproximar, mas no momento que foram convidados para participar da pesquisa se mostraram muito abertos para compartilharem suas vivências, e quando questionados sobre *o que é preciso para ser aceito no movimento*, os jovens responderam assim:

Na visão de Dhe para participar do movimento é preciso querer e começar a participar, conhecer a turma.

Acho que para ser aceito na verdade é você ter um querer começar a pixar, começar a pixar e se envolver com, [...]a galera, tudo, questão de tipo saí assim se encontrar com outros pixadores, conhecer mais gente. (DHE,2022)

Para o entrevistado Thiago não tem nenhum tipo de processo seletivo, apenas é necessário começar a se envolver, conhecer os integrantes e conquistar o espaço.

Não tem que ser aceito assim, tipo, ninguém é aceito, você faz, tem que fazer tipo, você é pixador, beleza, ah por favor me aceita, tenho que entrar nesse movimento, não é. É fazendo que você vai conseguir, tipo é caminhando assim, você tem que, construí o teu nome, tem que construí o que você quer ali, não só o nome, né? (THIAGO,2021)

Fidel concorda com as falas dos demais entrevistados e acrescenta que é necessário ter humildade.

Eu acho que é representar, você tem que representar, você tem que fazê, você tem que tá onde os caras tão, você tem que tá nos points você tem que tá na tua vila, você tem que tá fazendo um troca folha, você tem que tê sempre humildade em todas as crew de pixação, até a que a gente tinha treta, assim, que sempre tem treta né? . (FIDEL GUEVARA,2021).

De acordo com Sankara para participar do movimento não pode ter dinheiro, pois se for rico não vai entender o movimento.

Acho que se você for boy, não vai dá, porque você já tá fugindo do significado porque você pixa mas não entende o que é pixo, você escutar hip hop mas não saber, você escuta mas não ouve, você faz o pixo, não sei, não sei, não acho que tem muita aceitação, tipo é tem algumas regras de convivência, básico tá ligado, mas não acho que tem muita aceitação. (SANKARA,2021)

De acordo com as respostas dos entrevistados, é perceptível que para ingressar no movimento, é necessária uma aproximação para conhecer os integrantes do pixo, participar dos rolês e seguir as normas básicas de conveniência.

Abramovay *et al.* refere que “[...] nesse jogo, a cumplicidade e os laços de amizade vão se tornando mais sólidos, originando uma relação quase fraterna, e o grupo termina por se consolidar, assumindo alguns aspectos de organização.” (1999, p.108), Todos os entrevistados, verbalizaram sobre as amizades que foram construídas nesse cenário, e demonstram muito respeito pelas parcerias.

Mas afinal quais foram os motivos que impulsionaram esses jovens para participar dessas tribos. Para conseguir entender sobre essa questão, foi perguntado *quais foram as motivações para pixar?* Abaixo estão as respostas:

Segundo Dhe, a sua motivação sempre foi a adrenalina.

A minha motivação que era adrenalina, que eu gostava de se sentir essa adrenalina, de você querer pixar. (DHE,2022)

As motivações de Thiago são várias, a vontade, de representar uma luta, de ter visibilidade mesmo vindo da favela e a possibilidade de incomodar.

A, poxa vida, pior é o que motiva assim é meio que a vontade, a estiga de querer, tem que tá ativo no movimento de tá representando ali a luta assim tipo, a luta de ideais, de ser um cara que veio da favela de região periférica, no Batel e outras regiões tá ali fazendo tá todo mundo te enxergando, vendo

que você fez aquilo, ninguém sabe quem você é, {pausa} o que eu penso é que o recado chegou, quem é pra se incomodar vai se incomodar.(THIAGO,2021)

Na perspectiva de Fidel os motivos foram se sentir incluído, fazer amizades, fugir da solidão e sentir a adrenalina também.

Teve várias, (risos) teve a questão da inclusão que foi como eu te falei no começo que é sentir que eu tenho amigos, eu tenho, tô nesse grupo aqui[...] uma situação por exemplo que um dia eu já fumava tinha 16,15 anos eu não tinha cigarro eu tinha uma lata de spray, eu precisava livrar aquele negócio aquela vontade de fumar e eu começava pixar eu ia, descia do trampo eu trabalhava e estudava, eu descia do ônibus[...] voltava fazendo tudo, canetão, aqueles nuggets de engraxar sapato, tudo ia fazer o caminho inteiro aí quando eu chegava em casa, eu chegava cansado cheio de adrenalina, passava adrenalina eu ia dormir,[...].(FIDEL GUEVARA,2021).

O entrevistado continua sua narrativa descrevendo suas aventuras políticas no manifesto da ocupação das escolas.

A revolta política né pixei muito em 2016 na época da ocupação das escolas fiz muito rolê porque eu queria mostrar aquilo[...] o que que era a ocupação das escolas o que era a PEC 55, então sempre são várias a política a psicológica para mim porque era mental aquilo eu precisava afagar aquela adrenalina precisava matar aquela adrenalina que tinha dentro de mim aquela inquietação e também por se sentir incluso tá num grupo se senti recebido.(FIDEL GUEVARA,2021)

Na fala de Sankara suas motivações são principalmente as causas políticas.

Sim não acho que tenha um motivo muito profundo assim, é intervenção política é um negócio que eu curto, também então, pixar mensagem política eu acho bem da hora faz uns roles assim que a gente de visibilidade a uma causa e tal. A gente tava fazendo os grafitis solidários, tinha muito disso, é bem político e pessoal, só curti pixar a adrenalina e pixar, mas curto teu trampo assim na rua eu acho bem daora acessível, né? você pode pixar e qualquer pessoa pode pixar, (SANKARA,2021)

Segundo as respostas dos sujeitos, são muitas as motivações para participarem das tribos urbanas. A necessidade de sentir a adrenalina, a vontade de ser aceito, ser incluso em um espaço ou comunidade, a possibilidade de representar as ideias, incomodar. Outro fator relatado é que mesmo saindo da periferia, existe a possibilidade de deixar as marcas ou as tags em bairros nobres, tem ainda, o engajamento político em ações solidárias para angariar alimentos para famílias de

comunidades pobres. Para Minayo *et al.* “Assim, esses jovens vivenciam e representam o ser *jovem* de forma marcadamente distintas, influenciados por diferentes inserções sociais que conduzem a oportunidades diferenciadas e eletivas de acesso e bens materiais e culturais.” (1999, p.17) Pela percepção deles as diversas formas de sociabilidade descritas por esses atores sociais, remetem a necessidade de visibilidade e pertencimento na sociedade que muitas vezes os exclui ou oprime.

4.3 CATEGORIA III - AS VIOLÊNCIAS NO CONTEXTO DOS SUJEITOS DA PESQUISA.

A violência pode ser sentida de muitas maneiras, para Minayo *et al* “[...] não há um fato denominado violência, e sim violências, com expressões de manifestação da exacerbação de conflitos sociais cujas especificidades necessitam ser conhecidas.” (1999, p.14). Para compreender como eles percebem isso, foi perguntado individualmente para os entrevistados se: *Alguma vez se envolveu com algum tipo de violência, foi preso ou respondeu processo por pixo?* Sobre essa questão o entrevistado DHE, respondeu objetivamente que não, abaixo estão transcritas as respostas dos outros participantes da pesquisa:

Thiago explica que existe violência e geralmente é com os policiais, ou mesmo com pessoas da comunidade, refere que as brigas e bate bocas fazem parte do contexto.

Já, por parte de violência assim, é sempre com os guarda, com a polícia que bate, mas tipo, as vezes com o tal do Zé Povinho, se tá pintando chega um cara do nada e começa a gralhar, brigar não sei o que, daí tem que bater boca, rola um empurrão, mas daí, processo também já tem é isso, impossível não acontecer, mas sabe, tipo se alguém te ver a primeira impressão é essa.(THIAGO,2021)

Fidel Guevara conta que teve o rosto pixado, que um companheiro chegou a engolir o kep, ou o bico de uma lata para não ser surpreendido em flagrante, e também relata que esse mesmo colega já morreu por questões relacionadas ao uso de drogas.

Pixaram minha cara só, a guarda municipal de Pinhais pixou minha cara no colégio Severino Massanhã me lembro muito bem é porque um camarada meu ele comeu um kep de uma lata, [...], o Pet que ele já faleceu né, ele virou usuário de drogas e faleceu, lá de Pinhais, ele comeu o kep de uma lata e aí a outra sobrou eu não comi eu era bobo (risos) ele já era mais velho e aí eles pixaram nossa cara pixaram a roupa, o tenis foi bem, foi bem zoadado assim, mas essa foi a única vez graças a Deus que eu tive problema com a polícia assim eu sempre tive um Santo muito forte em relação a pixação eu sempre tive uma santo muito forte, caí por outras coisas(risos).(FIDEL GUEVARA,2021)

Sankara compartilha sua experiência quando teve uma aplicação de multa e serviços comunitários, quando foi surpreendido colocando adesivos, conhecidos como lambe, em um terminal de ônibus de Curitiba.

Já é sim, eu cai quando lambe, e eu fui multado em vinte mil reais e, mas já (risos) mas meu processo já tá resolvido e graças a Deus foi arquivado, e eu também tinha que cumprir serviço fora de cumprir horário de serviços comunitário e também já completei, então não tenho mais nenhuma pendência. (SANKARA,2021)

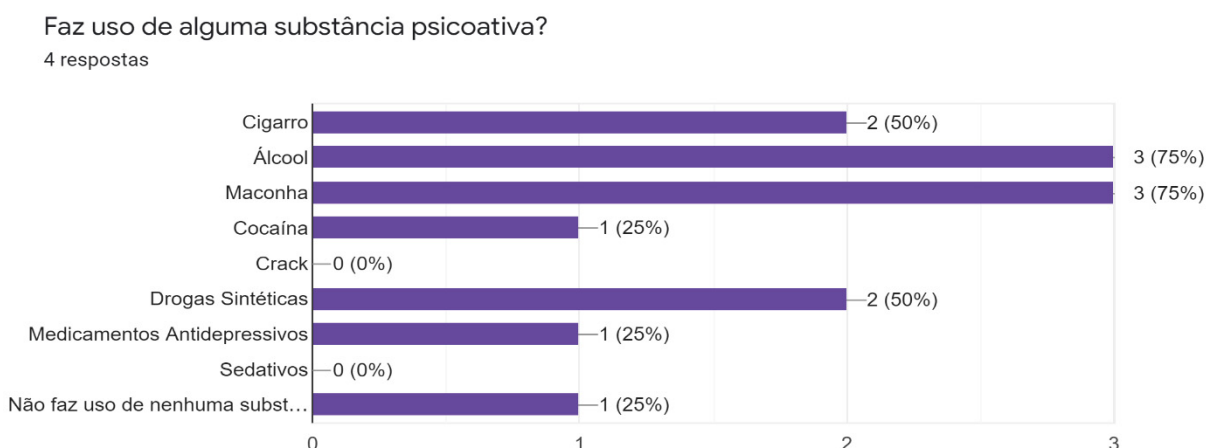
Pelas falas dos jovens é notório que a violência muitas vezes foi naturalizada por eles, Sailas *et al.* diz que (2008, p.38) “O contexto da cidade tem sido o *locus* que apresenta de modo intenso e concentrado os maiores indicadores da violência sob as suas mais diversas formas.”

Outro fator relevante é a problemática do uso de substâncias químicas, nessa questão o Estatuto da Juventude na Seção V no, Art. 20, discorre sobre a garantia do acesso a saúde e diz que as esferas públicas farão:

“XI – articulação das instâncias de saúde e justiça na prevenção do uso e abuso de álcool, tabaco e outras drogas, inclusive esteroides anabolizantes e, especialmente, crack. XI – articulação das instâncias de saúde e justiça na prevenção do uso e abuso de álcool, tabaco e outras drogas, inclusive esteroides anabolizantes e, especialmente, crack.” (BRASIL,2013).

Ao serem questionados se *faziam uso de alguma substância psicoativa* as respostas dos entrevistados foram as seguintes: 50% fazem uso do cigarro, 75% ingerem álcool, 75% usam maconha, 25% usam cocaína, 50% drogas sintéticas e dos quatro entrevistados apenas um relatou que não faz uso de nenhuma substância psicoativa conforme representado no GRÁFICO 10.

GRÁFICO 10 –DROGAS E OS SUJEITOS DA PESQUISA



FONTE: A pesquisadora (2022).

Para Minayo *et al.* "A questão da droga entre adolescentes e jovens brasileiros, assim como no mundo inteiro, vem envolta em muita mitificação, fascínio e exagero." (1999, p.75). No entanto é evidente que o uso das substâncias psicoativas faz parte das interações sociais dessas tribos. Os jovens verbalizam sobre os encontros e frases como "Fui tomar um gole com a galera", "Fumei um verde antes de pixar", "Mande uma carreira" ou eu "Tava muito louco" foram compartilhadas por eles com naturalidade.

A associação entre o uso de droga e a sua comercialização, muitas vezes faz parte da vivência das nossas, crianças, dos adolescentes e jovens, Fidel compartilhou o sentimento enquanto era criança, pois na inocência não percebia a realidade e via que um primo desfrutava o dinheiro ganho pela atuação no tráfico.

Eu tenho até um primo que ele era, ele era traficante e tal. Porque que o Guga pode e eu não, eu não posso? Tenho que ir pra escola, porra o que que eu vou fazer na escola? eu quero ter a mesma vida que ele entendeu? (FIDEL GUEVARA, 2021)

Não é só o consumo que merece a atenção da sociedade civil, pelo relato do entrevistado é possível perceber que o tráfico muitas vezes seduz por iludir como uma maneira fácil de conquistar o que almejam.

Sobre o consumo, de todas as drogas ilícitas a maconha é a mais aceita por eles, de acordo com Abramovay *et al.* na visão dos jovens “[...] a maconha é considerada uma droga leve, inofensiva, “é da natureza”, não causa danos, abre o apetite, é tranquilizante, social, não é depressiva, deixa as pessoas mais soltas, alegres e divertidas.” (1999, p130-131). Na percepção deles a droga que é vista de uma maneira muito pejorativa é o crack, para eles o crack é o fim, o uso segrega e estigmatiza os sujeitos.

Não obstante, sobre a questão do uso de substâncias químicas, precisamos nos despir do senso comum como refere Sailas *et al.* pois:

[...]ao discutirmos esse fenômeno dos mais impregnados por um senso comum, preconceituoso e arcaico, corroborado pela ação dos meios de comunicação, que tal como no caso das “gangues”, por vezes sacrifica a informação responsável e privilegia a vendagem. (.2008, p.139).

Pelos relatos dos jovens sem dúvida o uso de drogas é uma questão que necessita de cuidado e atenção por parte da sociedade, é nítido que a repressão ou a proibição não tem diminuído o uso, e assim é necessário buscar possibilidades de atuação viáveis.

Há muita dificuldade ao tentarmos definir o que é violência, pois existem inúmeras maneiras de sentir a mesma, ela pode ser física, verbal, pode ser psicológica, ou seja, a violência pode ser manifestada de inúmeras formas, Abramovay *et al.* enfatiza que “Não é fácil definir violência, pois é um termo que denomina uma série de situações sociais que foram mudando no tempo, no espaço e de um período histórico para outro.” (1999, p.57). Assim, as várias situações narradas pelos jovens, como a atitude de engolir um kep de lata para fugir do flagrante, a ação de ter o corpo e as roupas pintadas com tinta spray, as brigas com os moradores que os surpreendem pixando, parecem ser banalizadas e percebidas como naturais.

No contexto das tribos urbanas também existem as regras de convivência, quando questionados sobre *quais os motivos que poderiam gerar uma expulsão de uma crew*, as respostas foram as seguintes:

Na opinião de Dhe os motivos de expulsão são as brigas e os atropelos.

As vezes briga mesmo entre eles, dentro da, da, da gangue ou quebrar ou atropelar outras gangues, outras crews no caso. (DHE,2022)

Para Thiago os motivos são pelas ações, que não são toleradas no grupo, e até as brigas com agressões físicas.

A mais por conduta mesmo, né? briga assim, desentendimento, geralmente é desentendimento que muita pessoa junto, uma hora acaba dando atrito, tá sempre junto ali, imagina cada um tem um objetivo diferente, daí uns querem levar a crew mais pra frente outros não, daí tem essas brigas, e tem meio que por conduta assim, de o cara dá vacilo, né? eu já vi caso de cara, (inaudível) que aconteceu o cara tipo deu uma esqueitada numa outra integrante, tipo uma menina, a gente tava assim na pista, pegou skate e tacou nela, aí isso fez a expulsão dele da crew, nunca mais assinou. (THIAGO,2021)

No caso de Fidel, ele pontua sobre as agressões também, fala sobre o dedo duro que entrega os companheiros para a polícia e a comunidade.

Hoje em dia eu consigo perceber pelos amigos pelo menos que eu tenho, tem aquela questão do cara que bate na mina, tem aquela questão do, do cara sê um Zé povinho, do cara se cagueta, entendeu muitas vezes entregar uma crew inteira pro, pra polícia e tal, mostrar ó isso aqui eu faço isso aqui, acaba arregando, mais sempre foi nesse nesse ponto de vista que eu vi eu nunca participei de uma exclusão e nem nas crews que eu participei teve uma exclusão assim hoje já tem mais uma consciência né, antes aí não era mais você ser um cuzão e você vai apanhar e já era.(FIDEL GUEVARA,2021).

Sankara explica que a falta de caráter seja um motivo justificado, além de questões relacionadas ao racismo.

Às vezes o negócio do caráter da pessoa tipo a vezes a pessoa ser racista, essas parada é acho que varia muito de crew pra crew, eu tenho amigo que já a crew já foi desformada porque tinha muita gente tipo, aplicava o dinheiro para fazer os rolês tá ligado, o tipo é financiava os latex, tinha gente que ia na faixa, tipo não colaborava, tinha condição mas não colaborava e tals, já gerou briga por isso, mas acho que desvio de caráter é o que mais pesa assim pra você ser expulso da crew.(SANKARA,2021)

De acordo com os relatos dos jovens, existem algumas condutas que não são toleradas nos grupos, são elas: a falta de respeito entre os membros das crews, agressão com as meninas, o sujeito denunciar os parceiros para a polícia, racismo, e a falta de caráter, essas atitudes foram descritas pelos entrevistados como passíveis

de expulsão de acordo com Abramovay *et al.*, “Assim como para entrar, existem regras para continuar fazendo parte de uma gangue: não denunciar companheiros, seguir a lei do silêncio [...], não fazer muita confusão, não ter medo.” (1999, p.112,113). A autora respalda a fala dos jovens sobre a permanência nos grupos de pixo.

Ao serem questionados *se conheciam alguém que já perdeu a vida pixando?* Todos os entrevistados responderam que sim, no entanto pontuaram que as mortes não aconteceram com amigos próximos. DHE respondeu que sim, mas não entrou em detalhes. As respostas dos demais, foram:

A resposta de Thiago foi que ouviu sobre a morte de algum integrante, porém não conhecia.

Tipo conhecer assim de eu conversar com o cara pessoalmente depois ter o episódio dele morrer não, era mais de saber de rolê assim depois vê que morreu sabe? conhecer o rolê do cara e tudo mais de conhecer e conversar, não. (THIAGO,2021)

Fidel relata um acontecimento que levou a morte de um participante, ele explica que o jovem que sofreu uma queda e veio a falecer provavelmente era participante de uma das crews identificadas em Curitiba intitulada XAPOLETRAS.

Já, teve um mano que ele era dá, foi, foi no dia, né tinha um prédio acho que era ali no centro na, na São Francisco [...]e se eu não me engano era do XAPOLETRAS, cara, ele sempre tava ali com a gente porque em 2015, 2016 [...]o gaúcho sempre foi um point da pixação mas ali na São Francisco começou a vim mais gente também, [...] e esse cara faleceu no dia numa sexta-feira né, e é um cara que pô eu acho que eu provavelmente eu tinha alguma folha com ele, porque ele sempre conhecia amigos meus que já eram mais velhos e tal, então naquele dia ele morreu, ele caiu de um prédio ele faleceu.(FIDEL GUEVARA,2021)

Sankara relata que também conhece casos que levaram a morte, mas não no seu grupo de amigos.

Diretamente não amigo meu, assim já conheço um caso tals, mas amigo graças a Deus não, nem vi, presenciei ao vivo assim. (SANKARA,2021)

Para Abramovay *et al.* a imprensa estimula a ação dos jovens ao destacarem o tema, pois para esses sujeitos, aparecerem na mídia, terem suas grafias divulgadas pela imprensa é um motivo de orgulho e satisfação a autora pontua que “Ser

conhecido e famoso pela pichação é motivo de orgulho e respeito, e por isso vale a pena correr riscos.” (1999, p.117).

Uma emissora de tv brasileira, produziu uma matéria televisiva das ações dos integrantes do pixo em prédios, elas retratam imagens assustadoras, como podem ser visualizadas⁹ nessa reportagem, é possível observar a escalada pela parte externa dos edifícios, no período dos dois minutos e trinta segundos até os quatro minutos e quinze segundos.

Na questão do constante perigo ao qual são expostos, pertinente uma reflexão sobre as respostas dos entrevistados, é possível perceber que existe uma similaridade entre elas, no sentido que, mesmo referindo que nenhum amigo próximo morreu, todos ouviram falar de alguma fatalidade. É válido pontuar que, colocar a vida em risco, ao escalar as paredes dos edifícios praticamente na unha, sem nenhum equipamento de segurança, são práticas que fazem parte do cotidiano dos adeptos do pixo, onde as consequências muitas vezes não são dimensionadas.

Durante a entrevista a palavra respeito foi verbalizada por várias vezes, e ao serem indagados *se existe respeito entre as várias crews, e o que é atropelar, cortar ou quebrar?* Responderam que:

Dhe ressalta que existe respeito, mas que as vezes acontece uma quebra, que pode gerar brigas.

Existe respeito sim, com certeza, tem essa questão aí de você quebrar, quebrar é um fazê em cima do outro maior e às vezes para, na gringa isso daí é normal isso daí eles chamam de agenda [...] já aqui pelo que eu vejo se você fazê em cima o outro já acha que você tá querendo quebrar, já tá querendo, vamos dizê assim que eles falam no racha vamos fazer em cima do outro então isso começa às vezes até por dá até briga intrigantes por causa disso é. (DHE,2022)

Thiago também relata que o respeito faz parte do grupo, mas que em determinadas situações surgem conflitos, que muitas vezes são resolvidos na tinta e outras terminam com violência.

⁹Reportagem: Raiva mundo da pichação - inimigo público pichação- Rede Recor. Disponível em < <https://youtu.be/mFYXX-6vkYk>> Acesso em 19/01/2022.

Existe muito respeito sim dependendo, [...] mas por exemplo, tem a grife lá tipo cada cara faz uma crew, tem uns 15 cara e cada um numa crew diferente, eles são muito amigos vão lá e fazem a grife daí a grife é a união de todas essas crews num símbolo, numa simbologia só, daí aí, já é uma coisa de respeito. Mas quando os caras já não se entende muito por exemplos, uns da zona leste, uns da zona sul, já não se gosta muito, aí não tem respeito, não adiante, se quebrou assim teve briga, não adianta vai ser pra sempre, tipo até a hora que os caras se acertar ou se acerta na tinta assim até uma hora que ninguém aguenta mais, e fala vamos pará, ou sei lá, vai até onde dá né? acaba com violência, as vezes, mas existe sim respeito, não dá pra falar que não existe não, é bem mais tipo 60, 75% de respeito, 25% de desunião.(THIAGO,2021)

De acordo com Fidel as quebras são algo que acontecem e são motivos de brigas.

Atropelar, quebrar alguém é fazer um rolê por cima se você faz um role por cima, depois um cara foi lá e deixou o vulgo dele você pega quebra de um jeito já quebraram meu, já quebrei dos outros também porque quebraram o meu antes, eu só me defendo e sempre é o motivo da treta na pixação mais do que mina, mais do que gole, mais do que qualquer outra coisa, o motivo da treta por pixação é esse é o atropelo, é o quebra que pra mim sempre foi uma desunião.(FIDEL GUEVARA,2021).

Sankara concorda com os outros entrevistados e reforça a ideia de que o atropelo ou a quebra sejam motivos de conflito.

É tipo você pixar por cima de outro pixo, que é um negócio que não rola assim, tipo é falta de respeito, acho que não tem muito mais definição, tipo é realmente uma das bases você não atropelar o role das outras pessoas, e é falta de respeito tipo né?, se tá apagando o trampo de outro cara assim tipo, não necessariamente apagando, tem gente que leva bem a sério.(SANKARA,2021).

Todos enfatizaram o respeito entre os pares como algo primordial, porém o paradoxo nesse contexto são as ações de quebrar e atropelar, que causam muitos conflitos. Para Carvalho “A forma mais comum, simbolicamente falando, da qual um pixador lança mão para agredir outro pixador, é a prática conhecida como atropelo.” (2013, p.4). Essas condutas não são toleradas na cultura e são passíveis até de expulsão, pois sugerem uma transgressão, no sentido da falta de entendimento sobre as regras estabelecidas pelos participantes.

De acordo com a fala dos sujeitos essa ação desmerece o esforço que o outro pixador teve para deixar a sua marca no lugar. Pelas narrativas é possível perceber que existem outros fatores que causam desentendimento, mas com certeza, essa, por estar diretamente ligada a cultura urbana de ocupação dos espaços, é a que resulta sempre em confusão.

4.4 CATEGORIA IV - OS SUJEITOS DO PIXO E SUAS PERCEPÇÕES DO MUNDO.

O exercício da cidadania é muitas vezes equivocado na percepção dos jovens, que produzem um discurso comum em algumas falas sobre os seus direitos, no entanto, “Essa questão associa-se diretamente com a ideia de cidadania, como expressão também das diferentes formas de convivência e de apropriação do espaço público.”(SAILAS,*et al.*,2013,p.38). Quando *questionados sobre o que entendem por espaços públicos*, as respostas foram:

Dhe discorre que os espaços públicos são os locais onde pode circular, e pontua sobre determinados lugares onde não se sente aceito pela sua condição econômica.

É eu acho que nem tudo é público, questão assim tipo, você transitar na rua e tudo mais, [...]e às vezes você vai em algum lugar da alta sociedade, às vezes você é mal visto, então eu acho que nem tudo é público nessa questão que eu estou dizendo assim, é acho que é isso .(DHE, 2022)

O entrevistado Thiago enfatiza que tudo que está do muro pra fora é público e no entendimento dele, isso lhe assegura o direito de ocupar.

Tipo o muro é privado do meio dele pra dentro, a parte pra fora é público não adianta, e tudo que tá na esfera [...] de relações sociais assim, é meio espaço público, não dizendo que seja, mas por exemplo toda rua que a gente anda, todo lugar que a gente se encontra, assim tipo, tem uma interação com outra pessoa ou compartilha do mesmo lugar na minha cabeça assim é espaço público, é claro que por exemplo assim uma casa já não é né? mais sei lá tipo você não vai falar que por exemplo uma banquinha de jornal no meio da rua tipo espaço privatizado, tem espaço público fazê umas tags ali.(THIAGO,2021)

Fidel Guevara pontua que o espaço público é de todos nós, e na visão dele é o melhor lugar para manifestar a revolta política.

O espaço público, ao meu ver sempre é algo que é para todos, embora não se ocupem todos só ocupa se a grande maioria, as pessoas que têm dinheiro as pessoas que tem um cargo importante, elas ocupam esses espaços porém as assembleias públicas em que são para todo mundo para todo mundo participar, né? Então o espaço público ele é meu, ele é seu, ou ele é do rico, e do pobre, ele é preto, branco, do pardo, do amarelo, o espaço público é de todo mundo que tá ali, é do público já diz né? e então não existe lugar melhor para mim do que manifestar através de uma, de uma revolta política, de uma revolta na minha mente de uma rebeldia no espaço público como eu já fiz em vários por exemplo.(FIDEL GUEVARA,2021)

Já o participante da pesquisa Sankara diz que na percepção dele o espaço público é tudo que é do governo, federal, estadual e municipal.

A o que é do governo né? Federal, estadual, municipal, o que é pra todo mundo usar, teoricamente né? acho que banco também é espaço público, tipo todo mundo pode usar assim, é coisa do estado assim. (SANKARA,2021)

De acordo com as respostas é percebível que existe uma incompreensão por parte dos entrevistados sobre o significado dos espaços públicos, para os sujeitos o espaço público é o local por onde transitam, porém na percepção deles isso lhes assegura o direito de ocupação desses lugares, com as intervenções urbanas. Na visão dos jovens, se é público podem usufruir, então, têm o direito de ocupar.

Contribuindo na interpretação dos sujeitos sobre esse tema, Santos diz que “Os homens, pela sua própria essência, buscam a liberdade. Não a procuram com a mesma determinação porque o seu grau de entendimento do mundo não é o mesmo.” (2007, p.20). Segundo o autor o exercício da cidadania é um constante aprendizado, e isso se dá pela interação com o mundo, pelas condições jurídicas, políticas e sociais.

Prosser corrobora na discussão sobre o tema, para a autora:” A arte de rua, ou intervenção urbana, como seu próprio nome demonstra, é uma prática eminentemente associada à cidade, ao espaço público, aos trajetos do cotidiano.” (PROSSER,2009, p.22).

A região urbana é o palco das interações sociais, local de efervescência, cultural, social e política, também é o lugar onde acontece a sociabilidade, bem como, os confrontos e os embates das tribos do pixo com a sociedade em questão. Quando

questionados sobre *qual a visão que tem da sociedade atual*, os entrevistados responderam assim:

Dhe diz que a sociedade é cega, pois de acordo com ele, o movimento do pixo não é entendido como uma possibilidade de questionamento contra as injustiças, mas sim como jovens que apenas sujam a cidade.

Um pouco cega, um pouco cega assim, em questão da pixação tem uma questão de você ter a sua expressão e ataque contra o governo é por um lado eu entendo a pixação porque eles querem fazer um ataque, contra o governo só que a sociedade acha que você tá sujando o espaço público é e tudo mais.(DHE,2022)

Thiago propõe uma reflexão sobre a processo histórico da sociedade, o mesmo afirma que o que vivenciamos hoje é fruto do que foi construído pela humanidade e pontua que a sociedade é higienista.

A sociedade atual pra mim é um reflexo de todo o contexto do que foi construído assim tipo, ao passar dos anos, não dá pra gente falar a sociedade atual é uma coisa, é um reflexo de muita coisa antiga, de muita coisa de fora, mas pra mim a sociedade, mais tipo uma coisa higienista né? (THIAGO,2021).

O entrevistado ainda continua ponderando que na visão dele a sociedade é egocêntrica, no sentido que cada um se preocupa apenas com seus interesses, sentimento de solidariedade parecem não coexistir.

Eu vejo assim sabe, cada um faz o seu, cada um quer ter sua coisa ali, é viver tipo no seu mundinho assim, só isso que importa, não existe mais horizonte mais do que você enxerga, pra mim a sociedade atual, ninguém tá preocupado com o próximo, todo mundo assim com a cabeça bem fechada parece aqueles cavalos, que tem aquele, não sei o nome cabestro, cabresto, como é que fala . tudo isso numa bagagem histórica que nossa, coisa que a gente fala hoje que falava em mil novecentos e lá vai pedrada, o pessoal não tem cabeça pra outras coisas. (THIAGO,2021).

Fidel Guevara discorre que a sociedade está podre, para ele vivemos em um lócus em que a aparência é muito valorizada, o mesmo ainda refere sobre a atual gestão do país, como algo negativo para a nação.

É que ela está podre, pra mim a observação é as pessoas tentam fazer com que seja bonito por fora mas por dentro é extremamente podre, ainda mais a situação atual no Brasil né, que a gente tem um cara que é completamente maluco né, é um genocida no meu ver, é fascista no meu ver, então a situação atual preocupa muito mais. (FIDEL GUEVARA,2021)

Fidel continua sua fala e demonstra a revolta pela classe média, porque muitas vezes na visão dele não se identificam enquanto pares, a sua narrativa está carregada da revolta pela corrupção e má conduta dos gestores de diversos segmentos da sociedade, setores que de acordo com ele contaminam a ambiência pública.

Ao responder sobre a questão Sankara diz que a sociedade está zoada, e avalia como muito ruim o momento político vivenciado pelos brasileiros na contemporaneidade, enfatiza que o atual governo potencializa os nossos problemas.

A zoada né? acho bem, bem ruim, acho que o momento político que a gente tá vivendo é bem ruim, tipo acho que não é só por isso, acho que tipo é bem mais abrangente tipo, acho que o sistema que a gente vive é bem ruim, o governo que a gente tá vivendo atualmente, só potencializa, quão ruim é o sistema, mas acho que o sistema é podre, não acho que é bom, você pode tá feliz, você pode estar vivendo bem mas tipo não tem como negar que está complicado situação tá bem zoado mesmo. (SANKARA,2021).

Todos os sujeitos trazem nas suas falas a revolta pela opressão que sentem na pele, assim acreditam que suas atitudes são contra o sistema.

Esse antagonismo entre a sociedade civil e os jovens é extremamente acirrado como relatado pelos mesmos. Vai muito além das grafias, pode ser percebido pela própria condição social dos sujeitos Sailas *et al.* colabora nessa reflexão dizendo que “[...] o convívio do jovem curitibano não é precisamente marcado pela compreensão da diferença social: ao contrário, o convívio é tenso e preconceituoso.” (2008, p. 316,317).

Quando questionados como eles percebem *a visão que a sociedade tem das ações de pixo*, todos responderam que a mesma condena as intervenções.

Para Dhe e Thiago a pixação é vista pela maioria da população como uma manifestação de sujeira, bagunça, poluição, algo que a sociedade quer esconder, limpar, pois incomoda.

Como sujeira, bagunça. (DHE,2022).

A é poluição, é sujeira, vê dessa forma né? Como tudo que é coisa de gente pobre eles vê assim é sujo, é coisa de gente burra, é coisa de gente vagabundo, coisa de gente desonesta, tipo a maioria vê como isso , mas daí tem também a parte assim da galera que não pixa , mas consegue entender consegue ir atrás, mas tipo é muito , muito minoria ,só o que mais entende assim é aquela coisa de querer limpar , querer tirar, querer esconder.(THIAGO,2021).

Thiago ainda enfatiza sobre a Curitiba da propaganda, da cidade limpa em que as comunidades pobres são escondidas, fala sobre o bairro do Parolin e o Capanema, que são duas comunidades tomadas pelo tráfico, porém muito próximas da área central da capital, o mesmo ainda enfatiza que nesses locais, a maioria da população circula nas avenidas e não conhece a pobreza extrema que existe ali, e ainda faz um contraponto entre a pixação e essas bolsões de miséria:

[...] em Curitiba a gente vê tipo uma, a cidade limpa, não sei o que, anda três quilômetros você tá numa favela , você tá numa biqueira, tá num beco e isso tipo não se mostra , por exemplo , se cê não entrar no meio dos prédios ali no Parolin, na Leroy Merlin, não for pra dentro, você não enxerga não vê que tem uma favela ali e é desse jeito que funciona, mesma coisa no Capanema ou qualquer outra favela, tipo tudo muito escondido, muito pouco se fala também, tem comunidade aqui em Curitiba que a gente chega a quase não conhecer, tem umas ocupações aí que gente tipo demora pra saber que existe assim, e é tudo muito sujo né, tipo muito sujo assim pra eles, né? querem limpar tudo isso e a sociedade vê dessa forma a pixação.(THIAGO,2021).

Para Santos (2007) A cidade é formada por vários elementos e dentro de uma mesma cidade existem realidades extremamente diferenciadas de acordo com o território, com suas relações sociais e econômicas, essa fala do autor pode ser entendida na visão do entrevistado quando refere dois bairros centrais e com bolsões de extrema pobreza, segundo ele:

Há desigualdades sociais que são, em primeiro lugar, desigualdades territoriais, porque derivam do lugar onde cada qual se encontra. Seu tratamento não pode ser alheio às realidades territoriais. O cidadão é o indivíduo num lugar. A República somente será realmente democrática quando considerar todos os cidadãos como iguais, independentemente do lugar onde estejam. (SANTOS,2007, p.151).

Fidel amplia o debate, sobre a maneira como a sociedade avalia os pixadores e contribui falando sobre a raiva que ele percebe, na visão dele por não serem considerados “perigosos”, o conflito em relação a eles é muito mais intenso, pois além da polícia a sociedade civil os persegue e até agride, na fala dele:

[...] quando você é pichador não é por exemplo como você ser traficante você é traficante vai ter uma tiazinha ali que não vai gostar, aqueles meninos vendem drogas [...] mas vai ser uma coisa, o teu conflito é mais com a polícia quando você é pichador o teu conflito é com uma vizinhança o teu conflito é contra aquele comerciante que se acha rico porque tem um comércio na quebrada então é o famoso pé de pato pé de pato é o cara justiceiro da Vila que ele quer matar o cara que picha ele quer matar aquele nóia que está roubando entendeu? então a sociedade ao todo odeia[...] (FIDEL GUEVARA,20210

Sankara também corrobora nessa fala, dizendo que o movimento é marginalizado, e reforça que mesmo quando tem a autorização existe um julgamento pela ação, ele diz:

É muito marginalizado, tipo é bem demonizado tals, até tipo o que, o grafite né que tipo tem uma conotação mais artística, as vezes até tipo se você tá fazendo, sei lá tá fazendo uma persona, tá fazendo negócio mais complexo tá fazendo tipo um bagulho mais complexo assim as pessoas ainda vão ver, a tá pixando ali tá, acho que por ser ilegal, até quando é legal o pessoal julga bastante né? , Mas é por ser visto mais como ilegal assim o pessoal desce o cacete bastante, tem muita gente que se ferra por causa disso, pixando muro eu conheço bastante a polícia joga o spray na cara, pinta a cara, pinta as

costas, pinta a roupa, bem zoadado, acho que é bem marginalizado.(SANKARA,2021)

Sobre essa temática Nascimento corrobora enfatizando que a mídia muitas vezes responsabiliza os pixadores sobre as mazelas sociais, fato esse, que é propagado pela sociedade por considerar algo que enfeia e suja a cidade, o autor ainda diz que:

Nesse combate, realizado numa sociedade que privatiza a ética e coloca a própria razão a serviço dos interesses do capitalismo, não é preciso reforçar que a pichação seja considerada o elemento que representa o que há de mais feio na cidade, transcendendo a poluição visual. (NASCIMENTO,2015, p.53).

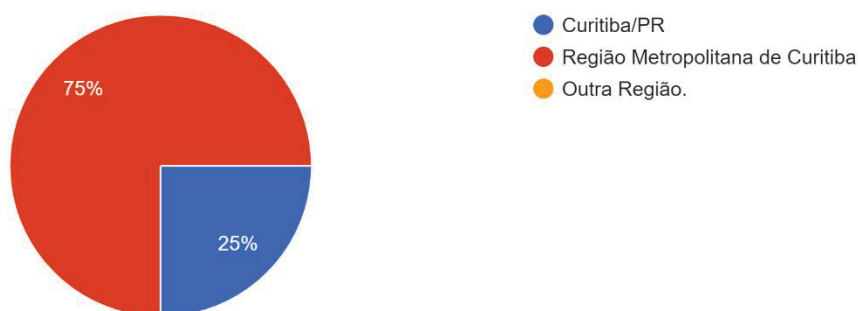
Os problemas sociais estão muito além das intervenções do pixo, e são fruto do modo de produção atual, o embate provocado pela reivindicação da ocupação dos espaços público e privado por parte dos pixadores, conforme Nascimento é justificado, já “[...] que a afronta sobre a propriedade privada, marca registrada da pichação, considerada um ato político pelos pichadores e admiradores, sirva apenas para alimentar ainda mais a violência e a falta de ética pública na sociedade em que vivemos.”(2015, p.40).

Ao serem indagados *onde residem*, apenas um relatou que mora na capital, os demais declararam que habitam na Região Metropolitana de Curitiba conforme descrito abaixo no GRÁFICO 11

GRÁFICO 11 –O LUGAR ONDE MORAM OS SUJEITOS DA PESQUISA.

Você reside em:

4 respostas



FONTE: A pesquisadora (2022).

Todas as falas dos sujeitos demonstram a insatisfação pela dinâmica da sociedade atual, o sentimento de opressão pela condição social, pelo local em que residem, que é externado constantemente, também pela maneira como percebem a própria existência, segundo Santos:

A distância geográfica é duplicada pela distância política. Esta se manifesta em dois sentidos complementares. Estar na periferia significa dispor de menos meios efetivos para atingir as fontes e os agentes do poder, dos quais se está mal ou insuficientemente informado. (2007, p.117).

Quando questionados *se acreditam que o pixo seja uma manifestação política*, Dhe respondeu apenas que sim.

Thiago esclarece que na visão dele o movimento é político sim, pois existe uma organização com o mesmo objetivo.

A, eu acho é sim, com certeza ,tipo tudo que envolve assim um monte de gente que se organiza pra em prol de alguma ideologia de algum, a da mesma, tipo se organiza assim para conseguir o mesmo objetivo pra algum é político, querendo ou não tipo um objetivo em comum claro com certeza, tipo o pessoal quer o mesmo resultado, pra, pra todo o grupo já é política, com certeza é político. (THIAGO,2021)

Para Fidel ao iniciar, seu propósito era apenas participar com a turma, depois foi percebendo as relações sociais e o contexto de violência, que se deram nas suas

vivências como morador em áreas de vulnerabilidade social, o entrevistado demonstra a indignação ao compartilhar a violência vivenciada pela mãe, quando foi enquadrada pela polícia na volta do trabalho.

Extremamente, porque o pixo ele começa na vida de muitos assim como eu, como você só faz, só faz porque você quer estar ali, mas depois de um tempo, você vai tomando essa ciência, vai tomando mais ciência do que é a polícia, além de você ver eles matando pessoas que você conhece, além de você ver eles enquadrando você desde criança, enquadrando seu pai né, igual aconteceu já, enquadraram até a minha mãe, minha mãe voltando do trabalho enquadraram minha mãe, é você começa a ver essas questões mais para a frente como foi no meu caso e você fala, eu vou revoltar mais ainda esses cara eu vou fazer continuar fazendo porque isso vai deixar ele bravo eles vão amanhecer vão acordar vão abrir a bonita janela deles vão abaixar a vidraça da janela da vidraça e vão ver que algum filho da puta fez um negócio aqui na noite passada isso vai incomodar isso vai atirar eles e querendo ou não essa adrenalina porque se o pixo fosse legalizado não teria essa adrenalina.(FIDEL GUEVARA,2021)

As dificuldades de morar nos bairros mais distantes ou periféricos, acabam afastando os habitantes das comodidades da cidade além de provocar uma segregação e estigmatizar os moradores dessas regiões da cidade. Essa fala do entrevistado pode ser respaldada na visão de Santos, para o autor

Morar na periferia é se condenar duas vezes à pobreza. A pobreza gerada pelo modelo econômico, segmentador do mercado de trabalho e das classes sociais, superpõe-se a pobreza gerada pelo modelo territorial. Este, afinal, determina quem deve ser mais ou menos pobre somente por morar neste ou naquele lugar. (SANTOS,2007, p.143).

Sankara pontua que é impossível não ter conotação política, já que é um movimento ilegal e periférico com um propósito de ocupação,

E inevitável, ser político acho que tudo é político, então mas acho que pelo fato de ser legal por exemplo chamá uma intervenção artística que não é vista como arte de ter um caráter de ocupação assim, acho que já torna mais político de outras coisas, então o movimento do pixo é muito próximo do hip hop tá ligado? daí acho que as duas coisas são muito políticas sim, sempre é bem periférico e tals então tipo tem um caráter de, então igual o hip hop, eu acho o pixo e o hip hop lado a lado assim, os dois são bem políticos.(SANKARA,2021)

Os jovens acreditam que as suas ações são um movimento político, reivindicatório de contestação e confronto, ou seja, na perspectiva deles estão

ocupando os espaços da urbe e buscando a visibilidade almejada, querem ser percebidos pela sociedade. Sobre a ocupação da cidade Santos discorre que “[...] há cidadãos de diversas ordens ou classes, desde o que, farto de recursos, pode utilizar a metrópole toda, até o que, por falta de meios, somente a utiliza parcialmente, como se fosse uma pequena cidade, uma cidade local.” (SANTOS,2007, p.140).

Para o autor a cidade não é um todo, dentro dela existem muitas divisões e limites estabelecidos, pelas condições econômicas, sociais e culturais de quem a ocupa.

Mas afinal qual o propósito dessa ocupação urbana, quando questionados sobre qual *a mensagem que querem passar com o pixo*, as respostas foram assim:

Dhe relata que seu maior motivo era para a sua autoestima mesmo, que não refletia sobre as ações, apenas queria participar.

Mais questão de ego, questão de ego, e querer sentir a adrenalina eu não entendia muito essa questão da, da parte política assim de você ter um ataque contra o sistema, sobre isso hoje em dia eu entendo um pouco mais da pixação tudo por meio de você observar as coisas tudo, e na época eu também era muito novo então era mais por causa da da adrenalina mesmo em querer tá no meio dos meus irmãos da galera ali tudo da pixação.(DHE,2022)

Thiago verbaliza sobre a possibilidade de protestar, sobre reivindicar espaço, questiona sobre a propaganda de empresas e de políticos e argumenta que isso sim, é poluição visual, ainda cita o Filósofo Kant para explicar o belo na perspectiva dele, pois acredita que existe beleza no que produzem.

Fazer seu protesto ali, fazê, pra você tipo passa de novo e vê que você fez, pro seus amigos, [...] meu Deus do céu tá sujando a cidade?Não é que a gente tá sujando, a gente tá reivindicando ali, o, a ocupação do espaço que já é nosso tipo, é poluição visual assim, poluição visual é placa de Mac Donalds é outdoor de Bolsonaro, essas coisas, mas pixação não é poluição visual tipo, a gente não tá quebrando o muro, não tá pegando o martelo, e estraçalhando o muro tipo é só uma intervenção estética, e tipo é belo também esteticamente, porque a beleza sim, igual diz Kant a beleza do homem é mais bonita do que a beleza natural, tipo a gente tá produzindo isso sabe, fazendo ali tipo uma coisa que vem de uma construção assim muito antiga.(THIAGO, 2021)

O entrevistado continua enfatizando, que os participantes são trabalhadores e não pretendem prejudicar ninguém, que querem apenas deixar as suas mensagens.

[...] a mensagem que a gente quer passar é uma coisa que vem de muito, muito antes de uma galera que quer, que tá lutando pra ter seu espaço, pra poder dizer estou aqui, tem que ser escutado, a gente tem que tá em movimento, por que todo mundo é trabalhador assim, a maioria dos caras são trabalhador, as meninas também todo mundo tem seu corre, ninguém tá querendo tipo atrapalhar, ou querendo tirar alguma coisa de alguém, ou querendo judia de alguém, ninguém tem maldade nesse movimento tipo, não vai bater em alguém a gente faz querendo passar a mensagem, ali só ocupando nosso espaço mesmo a gente faz ali por que quer ocupar o nosso espaço mesmo.(THIAGO,2021).

Fidel fala das violências escondidas, do policial que “protege” a sociedade, mas agride a esposa, faz uma crítica sobre a família tradicional brasileira, expressa o desejo de sair da invisibilidade e a necessidade de ser visto.

Incomodar tudo aquilo que as pessoas construíram dentro da cabeça delas aquela vida padrão aquela, qual é a família tradicional brasileira, né o polícia pá que dá um beijinho na testa da mulher de manhã e de noite espanca ela né? [...] eu queria que as pessoas olhassem mais pra gente, vissem que os pixadores, que vieram ali das antigas, porque querendo ou não eu vim do tempo que a pichação era diferente [...]. (FIDEL GUEVARA,2021)

Para Fidel é importante ser mais do que um CPF, percebe-se pela narrativa que existe uma necessidade de incomodar de mostrar para os diversos segmentos da sociedade que ele existe.

[...] visse que a gente existe como eu disse para você né anteriormente de ser mais que um CPF de você passar e falar porra, fui eu que fiz isso daqui dá um orgulho dá um, o incomodei, algum policial passou aqui viu, algum Zé povinho, algum pé de pato passou aqui e viu entendeu? É uma manifestação nesse ponto a gente incomoda a gente é uma pedra no sapato entendeu? É isso que me motivava a fazer também [...], mas depois que eu fui descobrir também mais um pouco sobre isso ter a ligação política na minha cabeça. (FIDEL GUEVARA,2021)

Na narrativa de Sankara é perceptível o intuito de manifestação política, mesmo que não seja visto assim pela maioria da sociedade.

É eu tento sempre passar uma mensagem política, então as vezes eu só quero expor meu trampo, as vezes não tem nenhuma mensagem por trás é só tipo eu fazendo um rolê me divertindo, como se fosse um esporte assim, sabe. Mas as vezes eu quero uma mensagem política, sim muitas vezes, então por exemplo se eu não to pixando tag, minha né, meu vulgo, as vezes eu mando,1312, fora Bolsonaro, coisa, mensagem política, então acho que é muito importante você ter essa ferramentas, tipo que é o spray, o rolo, tá ligado, a tinta, pra você fazer um bem assim, não fazer um negócio cem por

cento egoísta, é um negócio pra você, a manifestação política, tipo eu tento sempre, ser o máximo politizado que eu posso, nos bagulho eu acho que muita gente do pixo é assim falta muita politização tem muita gente que tá lá e não manja de nada assim, tipo não tem consciência de classe.(SANKARA, 2021).

É possível perceber nas falas dos sujeitos a tentativa de construção de uma identidade do grupo, de pertencimento, de gritar para a sociedade que existem, mesmo que não se sintam pertencentes a ela. A Curitiba higienista é percebida por eles retratada nas falas, a cidade do cartão postal, a cidade reconhecida como limpa e renomada como polo cultural, porém na percepção deles, uma cidade não acolhedora, que esconde as suas mazelas.

Para Abramovay *et al.*, o resultado de todas essas inquietações, e o que os motiva “[...]é a busca dê respostas para as suas necessidades humanas básicas, como o sentimento de pertencimento, uma maior identidade, auto- estima e proteção, e a gangue parece ser uma solução para os seus problemas a curto prazo.”(1999, p.109). A realidade social é algo inerente a todos, em algum momento trazem a dificuldade financeira da família.

Segundo os mesmos, as experiências compartilhadas, nasceram das vivências experienciadas, nas regiões periféricas da cidade, no contexto da urbanidade. Sailas *et al.* diz que “Semelhante desigualdade evidentemente deixa suas marcas no convívio social dos cidadãos. Os mais pobres passam a ser enxergados pelos mais ricos como potenciais agentes desestabilizadores da ordem social estabelecida.” (2008, p.316).

É inegável que o modo de produção atual, segrega as pessoas pelas condições financeiras e isso pode ser também evidenciado pelo local onde residem, para Abramovay *et al.* “Aos jovens da periferia são impostos limites que os jovens privilegiados não conhecessem.” (1999, p.56). Morar na periferia, muitas vezes limita o acesso a usufruir do que a cidade oferta, seja pelo preconceito por residir em determinados bairros, ou pela própria distância até às áreas centrais.

Nesse contexto Fidel compartilhou sobre a situação econômica familiar e disse, que muitas vezes a refeição que tinha acesso era a fornecida pela escola, na continuidade, o mesmo fala sobre os meninos que não estudavam e vivenciavam

realidades que ele não compreendia, o questionamento sobre os jovens periféricos com atuação no tráfico, nasceu na inocência da criança, que não entendia a realidade social sentida na pele, para ele:

Você sair de casa para estudar, pobre você não sabe nem se vai jantar muitas vezes, muitas situações da minha vida não sabia nem se ia jantar, eu comia já pra aproveitar pra bater a larica na escola eu voltava, pô mas tem gente na minha rua tem uns caras sem camiseta, com mulher bonita, tomando umas bebidas ali, por que? (FIDEL GUEVARA,2021)

Válido salientar, que após o término da entrevista o entrevistado Fidel, pediu para continuar a falar, disse que necessitava ser ouvido e tinha muita coisa para expressar, assim continuou a explicar a história de suas vivências. Além das perguntas elencadas na pesquisa, o sujeito discorreu sobre muitas experiências por aproximadamente uns 30 minutos, entre tudo o que falou, foi significativo o sentimento que o mesmo externou da satisfação de ser ouvido, da possibilidade de uma escuta ativa, de perceber que faz parte da sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAS

Este projeto de pesquisa foi pensado como uma contribuição na busca de subsídios que proporcionassem a construção de reflexões para o entendimento e a compreensão sobre os autores das grafias do picho.

Partindo do pressuposto que a temática em questão é germinal, fato esse que demonstra a necessidade primordial na elaboração de conhecimento sobre os sujeitos participantes do picho.

Assim, essa construção só foi possível através da participação fundamental dos atores urbanos, que entenderam os propósitos do estudo e se dispuseram de maneira voluntária e contributiva a socializar suas experiências de vida.

A escuta ativa foi o que sensibilizou para o tema escolhido, pois nas vivências compartilhadas pelos jovens, foi observado o quanto necessitavam externar suas inquietações, o que na fala deles era propiciado pelas ações de pichar.

Refletindo que o ser jovem no Brasil é um grande desafio, que apesar da conquista com a promulgação da Lei nº 12.852 que sancionou o Estatuto da Juventude em agosto de 2013 (BRASIL, 2013), existe uma dicotomia entre o que foi assegurado no papel como garantia e o que realmente é realizado na prática, no dia a dia destes brasileiros.

Dessa forma, enquanto profissional do Serviço Social é primordial a dimensão investigativa profissional, nessa sociedade de classes, mantida sobre a égide do capital, que privilegia o detentor dos meios de produção em detrimento daquele que produz a riqueza, ou seja, o trabalhador.

Assim, como uma pequena contribuição, para edificarmos uma outra sociedade hegemônica em que o trabalhador seja valorizado e tenha os seus direitos humanos assegurados, é primordial a promoção de debates sobre a temática que envolve esses concidadãos, afinal o papel deles no desenvolvimento do Brasil é inegável. Neste sentido, realizamos essa pesquisa que se propôs a desenvolver “Um estudo sobre as condições socioeconômicas dos jovens do movimento do picho (pixo) em Curitiba”.

Com o propósito de assegurar os objetivos elencados na metodologia foi utilizado o método da teoria de Marx, materialista histórico e dialético, para explorar

o cotidiano dos participantes da pesquisa, com a contribuição de Santos, que desenvolveu a teoria da Formação Sócio Espacial, onde ele categoriza o espaço como elemento fundamental, com um olhar além da produção, porém tendo como gênese o trabalho do homem como agente transformador de leis estabelecidas e confrontando o espaço ocupado por ele.

No primeiro capítulo foi feito uma pequena contextualização sobre o processo de urbanização do Brasil, relatando como se deu a ocupação desordenada das áreas urbanas e os impactos para os habitantes dessas localidades. Também foram abordados os processos históricos das grafias de picho no mundo, iniciando com as inscrições nas cavernas através da arte rupestre, as grafias em Pompéia, Paris e Nova Iorque, dando continuidade com as pichações no Brasil no período da ditadura no ano de 1964, e na sequência em 1980 as primeiras manifestações na cidade de São Paulo, que influenciaram o movimento no país e no mundo.

Da mesma forma, o presente capítulo ainda abordou as questões legais que foram criadas como normativas para impedir a proliferação das ações de picho no Brasil, também foram relatados os direcionamentos de contenção desenvolvidos pelo município de Curitiba, local no qual a pesquisa foi realizada.

O segundo capítulo trouxe as pluralidades do contexto do picho, bem como de seus sujeitos, com as grafias, os signos e o entrosamento entre eles. Foi abordado, também, o uso de substâncias psicoativas, além dos conflitos pertinentes a este contexto. Percebeu-se ainda, a importância da identidade de cada um, bem como, a construção da identidade coletiva, refletindo a condição socioeconômica deste público. Esta prática foi externalizada pelas crews e vulgos que representam a pobreza, a desigualdade, a revolta, a opressão, conforme exemplo da “ISK6” que significa ESCASSEZ, ainda, foram catalogadas 240 crews com os mesmos propósitos, de questionamento e afronta, entre outras que estão elencadas no apêndice desse trabalho.

O terceiro capítulo consistiu na aplicação das entrevistas realizadas com quatro participantes, o instrumental para sistematização dos dados, foram perguntas fechadas e abertas, com o objetivo de traçar um perfil socio- histórico-cultural.

Consequentemente em face do que foi exposto, respondendo ao objetivo geral:

Conhecer, compreender e provocar reflexões sobre as formas de expressões de

culturas diferenciadas, de um determinado momento histórico dos participantes do movimento do picho (pixo) em Curitiba: A junção das respostas dos sujeitos e do levantamento dos estudos bibliográficos, contribuiu no entendimento de que as categorias políticas, econômicas e culturais, são determinantes nas vivências desses jovens, nesse cenário capitalista onde as relações de produção segregam os que produzem a riqueza, ou seja, o trabalhador e os que possuem os modos de produção, ou o capitalista.

Neste cenário, que traz a gênese do capital, é onde se dão as vivências dos sujeitos, sendo um fio condutor para as manifestações urbanas na cidade paranaense. Assim, pelos relatos compartilhados, foi apurado que essa contradição entre capital e trabalho, na sociedade dividida por classes, estimula a revolta desses sujeitos.

Os interventores urbanos referiram na pesquisa que o movimento do picho é uma possibilidade de confronto, uma maneira de reivindicar o espaço, de externar as frustrações pelas violações das quais acreditam vivenciar, ou seja pela opressão sentida por eles. Observando alguns nomes escolhidos para identificar os grupos é possível perceber a questão, como por exemplo: VITIMAS e EMATOMAS.

Buscando responder os objetivos específicos: **Conhecer os fatores de violência no contexto desses jovens:** Verificou-se que a dinâmica da vida destes sujeitos, ou, os locais onde se dão as interações sociais é propício para a promoção da violência, pela situação econômica e social onde residem, geralmente em bairros periféricos ou na Região Metropolitana, nestes, a ausência de políticas de segurança, cultura, educação, esporte e lazer, acabam proporcionando a selvageria urbana que impacta a vida dos moradores destas regiões.

Outro fator pertinente constatado, foi a ingestão de substâncias psicoativas associadas ao universo do picho. Essa união entre o picho e as substâncias químicas avoluma a violência, tendo como resultado a agressividade, problemas de saúde mental, conflitos entre os participantes, além dos acidentes, que em muitas ocorrências acabam resultando em fins trágicos, com óbitos ou sequelas permanentes. Para além do que foi respondido nas entrevistas, essa aproximação entre a pesquisadora e os jovens se fez no atendimento de centenas destes agentes do picho.

No quesito de: **Analisar a cultura e as impressões destes sujeitos em relação ao mundo em que vivem:** Averiguou-se pelas falas dos sujeitos, que na percepção deles, a sociedade contemporânea é totalmente excludente, eles percebem uma dicotomia entre os ricos e os pobres. Suas impressões demonstram ainda um antagonismo em relação a comunidade que julga, e não compreende as intervenções de pichação produzidas por eles. Em várias situações a sociedade foi nomeada como ‘podre’, ‘doente’ e ‘zoada’, esse discernimento é fruto do conflito resultante das próprias manifestações de picho e das interações com o mundo.

No entanto, esses jovens não percebem que mesmo referindo as suas ações como atividades “políticas” de confronto, resistência ou até reivindicatórias, sem a consciência de classe, eles acabam sendo percebidos pela sociedade civil como vândalos, de baderneiros, ou seja, aqueles desocupados que não tem o que fazer.

No tópico de **Identificar o perfil socioeconômico dos jovens participantes do movimento do picho (pixo):** Foi constatado pelas respostas dos sujeitos, que todos residem em locais periféricos, afinal é onde o trabalhador consegue pagar o aluguel, ou onde as prestações dos financiamentos habitacionais são mais acessíveis. Residir nas regiões mais distantes da área central, muitas vezes exclui esses sujeitos, seja pelo preconceito por morarem na periferia, ou pela própria distância territorial.

Os bairros mais longínquos, também são locais em que muitas vezes o Estado não supre a necessidade de políticas públicas, assim, a precariedade relacionada ao investimento na educação, moradia, segurança, saúde, cultura, lazer e transporte reflete diretamente no cenário periférico, com uma resposta de contestação por parte dos agentes do picho.

Durante a pesquisa foram arregimentados elementos teóricos e da vivência dos sujeitos, que corroboraram na afirmação de que, a trajetória da existência deles é influenciada pela classe em que se situam, ou seja, nasceram com o estigma da exploração.

Essa situação que está explícita na contradição entre capital e trabalho, e que tem como gênese o modo de produção atual, influência nas atividades desses agentes urbanos.

Através desse estudo e após as informações compartilhadas pelos sujeitos, chegou-se ao resultado de que o perfil socioeconômico dos atores do movimento da

pichação é de jovens com poucos recursos financeiros e trabalhadores braçais, os quais percebem pelo exercício laboral salários baixos.

Relevante acrescentar a disponibilidade dos participantes da pesquisa em compartilhar sem ressalvas, suas experiências. Foi emocionante a escuta de algumas falas, de sentimentos de descaso, de humilhação, de invisibilidade. Surpreendente a maneira como se sentiram percebidos e como foram participantes da pesquisa, de acordo como verbalizaram, o interesse pelas ações demonstra que estão sendo vistos.

Durante as entrevistas entre as muitas falas, um dos entrevistados falou que os agentes do picho são a pedra no sapato da sociedade, aquela pedra que incomoda, porém é factível que sem consciência de classe o movimento sempre será apenas a pedra no sapato, que poderá ser removida para deixar de “incomodar”.

Assim, esse trabalho tem a pretensão de sensibilizar outros profissionais das ciências sociais, além dos trabalhadores, para que, munidos dos óculos do conhecimento e apropriados do saber teórico, sejamos a voz dos que muitas vezes gritam, mas não conseguem se comunicar.

Que a nossa percepção não seja a de culpabilizar aqueles que não se enquadram nos parâmetros da sociedade da meritocracia, e sim a da responsabilização pelas contradições produzidas pelo capitalismo, o qual produz as mazelas que refletem na vida desses atores urbanos.

Que possamos resistir e lutar, por uma sociedade que inclua os jovens, e não os segregue, porém, isso só será possível quando o trabalhador conquistar a consciência de classe, e assim desenvolver a habilidade do pensar coletivo, do lutar coletivo.

5.1 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

Diante de tudo que foi exposto, e após a contribuição dos atores participantes da pesquisa, é pertinente que outras áreas, além das ciências sociais, se interessem e busquem entendimento sobre essa temática que exige conhecimento, além de impactar nas relações econômicas, políticas, sociais e culturais de toda a sociedade.

Para além disso, é necessário enxergar o movimento da pichação despido dos estigmas construídos historicamente que os definem como, vândalos, baderneiros ou desocupados. Sendo crucial a compreensão dos fatores determinantes oriundos deste modelo de produção vigente, o qual culpabiliza, segrega e exclui os que não se adequam.

Importante também a idealização de políticas emancipatórias, vislumbrando outras possibilidades para este público, como investimentos nas áreas educacionais, moradia digna, acesso ao lazer, capacitação laboral, segurança pública e saúde.

Refletindo sobre a capacidade criativa destes atores, significativo oportunizar o desenvolvimento da arte com a valorização das potencialidades artísticas, as quais são perceptíveis nas intervenções urbanas, assim propiciando a participação destes sujeitos na sociedade e promovendo uma inclusão cidadã.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. *et al.* Gangues, galeras, chegados e rappers. Juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília. Rio de Janeiro: Garamond. 1999.

BRASIL, Constituição (1988) Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasil, DF: Presidência da República Capítulo VI DO MEIO AMBIENTE, Art. 225 Disponível em: <www.planalto.gov.br> acesso em : 17 /10/ 2021

-----, [Estatuto da Juventude (2013)]. Estatuto da juventude: atos internacionais e normas correlatas. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2013. 103 p.

CAMPINAS, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281415>> Acesso em : 13 jul. 2021.

CAMPOS, A. et. al. Atlas da exclusão social no Brasil, volume 2: dinâmica e manifestação territorial/ André Campos. {et.al.}. (organizadores). - São Paulo: Cortez. 2003.

CARVALHO, C. F., Pichar é legal? Disponível em: <<https://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/6475/Picharlegal#:~:text=%E2%80%9CArt.,conspurar%20edifica%C3%A7%C3%A3o%20ou%20monumento%20urbano%3A&text=Se%20o%20ato%20for%20realizado%20em%20monumento%20ou%20pr%C3%A9dio%20tombado,ano%20de%20deten%C3%A7%C3%A3o%2C%20com%20multa.>> Acesso em: 05/12/2021

CARVALHO, R. A. de «Quando as Relações se Expressam nos Muros», *Ponto Urbe* [Online], 13 | 2013, posto online no dia 31 dezembro 2013, disponível IURL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/760>; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.760> aceso em 07 dezembro 2021.

CURITIBA, Seção VII, Art. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/pr/c/curitiba/lei-ordinaria/2004/1109/11095/lei-ordinaria-n-11095-2004-dispoe-sobre-as-normas-que-regulam-a-aprovacao>> - Acesso em : 01/12/2021

_____, Trabalho de repressão à pichação aumenta na cidade :Disponível em:<<http://www.defesasocial.curitiba.pr.gov.br/images/Legislacao/Leis/lei153882019.pdf> >Acesso em: 01/10/2021.

ESCASSEZ, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021,Disponível em :< <https://dicionario.priberam.org/escassez> >Acesso em: 17-01-2022].

FEITOSA, L. C. Amor e sexualidade o masculino em grafites de Pompeia. São Paulo Annabluma /Fapesp,2005.

FONSECA, C., A poesia do acaso – na transversal da cidade. São Paulo, T.A. Queiroz, 1981.

GIL, A. C., Métodos e técnicas de pesquisa social / Antônio Gil ,6. Ed.- 2 reimp. -São Paulo: Atlas, 2008.

IAMAMOTO, M. V. Relações sociais e serviço social no Brasil esboço: de uma interpretação histórico metodológica / Marilda Iamamoto, Raul de Carvalho-24 ed.- São Paulo Cortez: [Lima, Peru CELATS, 2006].

_____, Serviço social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social/ Marilda Vilela Iamamoto-7. Ed.- São Paulo: Cortez,2012.

MARX, K.,1818-1883. O Capital; Critica da economia política/Karl Marx, apresentação de Jacob Gorender: COORDENAÇÃO E REVISÃO DE Paul Singer; tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kohe-2 ed. -São Paulo: Nova Cultural,1985.

MEDEIROS, J. M. de O sabor do saber científico: TCC NO Serviço Social/Jussara Marques de Medeiros, Valdeslei Sviercoski. Curitiba: Inter Saberes ,2020. Serie Formação Profissional em Serviço Social)

MINAYO, (et al.) Fala galera: juventude, violência e cidadania/Maria Cecilia de Souza Minayo (et al). -Rio de Janeiro:Garamond.1999.240 p:14x21 cm.

NASCIMENTO, L.H.P. Pixação a Arte em Cima do Muro/Luiz Henrique Pereira Nascimento- Cachoeira do Sul: Monstro dos Mares,2015.72p.

NETTO, J. P. Economia política: uma introdução crítica/José Paulo Netto e Marcelo Braz- 8 ed.-São Paulo: Cortez,2012-(Biblioteca básica de serviço social, v.1)

PICHAÇÃO, in Dicionário online: Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/pichacao/>> -Acesso em: 03/01/2022.

_____, Reporte Record Investigação: Raiva mundo da pichação - inimigo público pichação- São Paulo, Rede Record, matéria veiculada no dia 05/03/2018. Disponível em < <https://youtu.be/mFYXX-6vkYk> > Acesso em: 19/01/2022.

_____, Balanço Geral: Pichadores deixam rastro de prejuízo para comerciantes e nem multa cara resolve, Curitiba, Tv Record, matéria veiculada no dia 05/01/2022. Disponível em < <https://youtu.be/fimSNv-CDoY> > Acesso em: 27/01/2022.

PROSSER, E. S. P966 Arte, representações e conflitos no meio ambiente urbano: o graffiti em Curitiba (2004-2009) / Elisabeth Seraphim Prosser. — Curitiba, 2009. xxxi + 413 p.

SAILAS, *et al.* Os jovens de Curitiba: esperanças e desencantos, juventude, violência e cidadania / coordenação de Ana Luisa Fayet Sailas *et.al.* 2. Ed. Curitiba: Editora da UFPR, 2008. 440 p.

SANTOS, M. Pobreza Urbana/ Milton Santos com uma bibliografia internacional organizada com a colaboração de Maria Alice Ferraz Abdala. -3 eds. 1. reimp. -São Paulo, 2013. 136 p. 14x21 cm.

_____, M, Espaço e sociedade. Ensaios. 2º ed. Petrópolis: Vozes, 1982. 156 p.

_____, M. O Espaço do Cidadão I Milton Santos. - 7. ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007. 176 p.; 14 x 21 cm. - (Coleção Milton Santos; 8).

SILVEIRA J., N. E. de. Superfícies alteradas: uma cartografia dos grafites na cidade de São Paulo. 1991{151} Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de SOARES, Sandra Lucia Ferreira Acosta. Escola: As imagens que as representações sociais revelam. 2005. 245 f. tese (doutorado em psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

TRIVINOS, A. N. S. Introdução á pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1987.

WAINER, J., Documentário longa metragem Pixo 2010:, English Subtitles a film by João Wainer and. Roberto T. Oliveira – Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=skGyFowTzew>> acesso em : 07/08/2021.

ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro para devidos fins que concordei em ser entrevistado (a) e /ou participar na pesquisa de campo referente ao projeto de pesquisa intitulado **“Um estudo sobre as condições socioeconômicas dos jovens do movimento do picho (pixo) em Curitiba.**

de autoria da pós-graduanda Deisi Margarete Momm Fonseca do Curso de Pós-Graduação **“Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar” da UFPR Setor Litoral.** Fui informado(a) que esta pesquisa é coordenada/orientada pelo Professor: Israel Montesuma de Oliveira a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento através do e-mail ou telefone da Universidade, tania.lima@ufpr.br ; (41) 3511-8391.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para a pesquisa científica. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo. Fui também esclarecido (a) de que o uso das informações por mim oferecidas estão submetidas às normas éticas destinadas à pesquisa que envolvem seres humanos da Comissão Nacional de ética em Pesquisa (CONEP), Conselho Nacional de Saúde.

Minha colaboração se fará de forma anônima por meio de gravação de áudio obtido através de entrevista semi- estruturada. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e seu orientador. Fui informado(a) de que minha participação é livre, não havendo qualquer restrição ou constrangimento por não desejar fazê-lo.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de ética em Pesquisa (CONEP)

Curitiba, 09 de dezembro de 2021

Assinatura do (a) participante:

Nome:

RG:

Assinatura da pesquisadora:

Nome: Deisi Margarete Momm Fonseca

RG 3.862.578-0

APÊNDICE 1 – RELAÇÃO DE CREWS CATALOGADAS

RELAÇÃO DE CREWS CATALOGADAS

N.	CREWS	SIGNIFICADOS
1	+ MOKDOS	MAIS MOCADOS
2	+ RESPEITADOS	MAIS RESPEITADOS
3	+MANIACS	MAIS MANIACOS
4	+SPERTOS	MAIS ESPERTOS
5	1 REAL	UM REAL
6	100 FOCO	SEM FOCO
7	100 HRS	SENHORAS
8	100ERRO	SEM ERRO
9	100RASTROS	SEM RASTROS
10	10A3	DESASTRES
11	10KSO	DESCASO
12	10TROY	DESTRÓI
13	1DOS TAYS	UM DOS TAIS
14	20 KBÇ	VINTE CABEÇA
15	20 VE	VIM TE VER
16	31 MEU	TRINTA E UM MEU
17	3MARIAS	TRÊS MARIAS
18	51 CREW	CINQUENTA E UM CREW
19	6DNP	CÊIS DORME NOIS PIXA
20	8QVE	CÊIS QUE VÊ
21	7 LATAS	SETE LATAS
22	70 SORT	CÊ TENTA A SORTE
23	A CORJA	
24	A MAFIA	
25	A TONA	
26	ACIDOS	
27	ACNOSTRA	A CASA É NOSSA
28	AÇUCENA	
29	AKJÁERA	AQUI JÁ ERA
30	ALIENADOS	
31	ALKHIMISTAS	
32	ALUCINADOS	
33	AMCREWS	ARTE MAL COMPREENDIDA)
34	ANORMAIS	

35	ANT	AGEIS NO TRAUPE
36	AQUI NÃO PISO MAIS	
37	AREAS1	
38	ARISCOS	
39	ARQTS	ARQUITETOS
40	ATCX	ARTISTAS CACHOEIRA
41	ATORES	
42	ATRITO	
43	AVC	*Não identificado o significado
44	BFD	BOYS QUE FEDEM
45	BGP	BOBIOU A GENTE PINTA
46	BIRUTAS	
47	BOM PIXO	
48	BP	BRASIL PODRE
49	BRABAS	
50	BRABOS	
51	BRAVOS	
52	BREGAS	
53	BRUTOS	
54	BSH	BURLANDO O SISTEMA HOSTIL
55	C MORDA GANG	
56	CACETAS	
57	CARAI	
58	CARETAS	
59	CHAROLAS	
60	CHIPS	
61	CÓLERA	
62	CORVOS	
63	CRETINOS	
64	CRIATIVOS	
65	CRICAS	
66	CRONOS	
67	CROWL	
68	CUPADOS	

69	DANESE	
70	DBA	DESBARA
71	DC BONIS	
72	DESCS	*Não identificado o significado
73	DFUGA	
74	DOIDERA	
75	DSR	DEIXANDO SEU RASTRO
76	EMATOMAS	
77	ENOP	É NOIS NO PIXO
78	EQB	EU QUE BOLO
79	ERRADOS	
80	EVPZUA	EU VIM PRA ZUA
81	EXATOS	
82	EXIBIDOS	
83	FAVELADOS	
84	FEIOS	
85	FIAPOS	
86	FLUXO	
87	FMPM	FALA MENOS E PIXA MAIS
88	FOA	FAMÍLIA DOS ARTEIROS
89	FUNGOS	
90	GAZETAS	
91	GSC	GRAFITI SUJANDO A CIDADE
92	HORA DO ROLE	
93	IMBATIVEIS	
94	INSANOS	
95	INSETOS	
96	INVOKDOS	INVOCADOS
97	ISK8	ISKASEIS / Escassez
98	ISPES	*Não identificado o significado
99	ITENS	
100	JÁ MAIS	
101	KM	KALIGRAFIA MARGINAL
102	KRUDAS	KARUDAS
103	LA MÁFIA	
104	LAKDOS	
105	LEAIS	
106	LEBROIS	
107	LEGALISTAS	

108	LEGALIZE	
109	LGADOS	LIGADOS
110	LINDOS	
111	LIRIOS	
112	LOROTAS	
113	LOVELS	LOVE ELAS
114	MACABROS	
115	MAFIA	
116	MAIOAIS	
117	MALACOS	
118	MALDITOS	
119	MALOKAS	
120	MANIAS	
121	MARGINAIS	
122	MAROFAS	
123	MAROLAS	
124	MESMOS	
125	N A	NARCÓTICOS ANONIMOS
126	NÃO COLA	
127	NÃO VIU?	
128	NERD	
129	NEURAS	
130	NGVIU	NINGUÉM VIU
131	NOIADOS	
132	NOVATOS	
133	NS ATITUDE	NOSSA ATITUDE
134	NSA	NOIS SOMOS ATITUDE
135	NSC	NÓIS SUJA A CIT
136	NTVEZ	TEM TALVES
137	OBC	OBCECADOS
138	OBRAS	
139	OBXV	OS BIXO VEIO
140	OCB	OS CAXA BAXA
141	ODIADOS	
142	ODV	ODEIO VOCÊ
143	OGROS	
144	OPG	OS PIAS GORDOS
145	OS + AGEIS	
146	OS + TEMIDOS	
147	OS 7 ONDA	
148	OS ATENTOS	
149	OS CÃO	

150	OS DOIDOS	
151	OS FALCATRUAS	
152	OS FOLGADOS	
153	OS GENTE FINA	
154	OS MACABROS	
155	OS MAGOS	
156	OS PÉ DE CHINELO	
157	OS PILANTRA	
158	OS PIORES	
159	OS QUE TE ENGANA	
160	OS RAÇA RUIM	
161	OS SACANAS	
162	OS TIRA ONDA	
163	OS VPA	OS VANDALO POR AMOR
164	OS X KB	OS CANA BRABA
165	PANIBOPE	
166	PAPELADOS	
167	PCRER	PODE CRER
168	PDIBOPE	*Não identificado o significado
169	PDJAH	*Não identificado o significado
170	PDSB	PODE SABE
171	PEF	PIXA E FUMA
172	PERITOS OU PERITIS	
173	PIADAS	
174	PICAS	
175	PINOS	
176	PIRRASA	
177	PLATINADOS	
178	POBRES	
179	PODRES	
180	POETAS	
181	POLUENTS	
182	PORTELA	
183	PRAGAS	
184	PSPE	POLICIA SAI DO PÉ
185	PUTOS	
186	PYRAÇÃO	
187	Q XIQUE	
188	RALKS	
189	RARAS	

190	RAROS	
191	RASTROS	
192	RASUL	
193	REIS	
194	RESSAKS	
195	REVANX	
196	RNA	RISCADORES NA ATIVA
197	ROTA	
198	RUBLIKS	
199	RURALS	
200	SAC	STREET ART CREW
201	SARNAS	
202	SARNENTOS	
203	SEM NEURONIOS	
204	SINAIS	
205	SINICOS	
206	SOMOS TODOS 1	
207	SORRIA	
208	SPEV	SE PINTAR EU VOLTO
209	SPRUAS	
210	STALOKO	
211	STINTOS	
212	SUAVIS	
213	SUBMUNDO	
214	SUSPEITOS	
215	SUSTOS	
216	TAL	
217	TERROR	
218	TETAS	
219	THYAS	
220	TRASTES	
221	TRIOS	
222	TROLS	
223	U VENENO	
224	U2GOLE	UM DOS GOLE
225	U2NMV	UM DOIS NEM ME VIU
226	UAM	UM A MAIS
227	UNIDOS	
228	UPE	UNIÃO PROVOCA ESPANTO
229	USP	UNIÃO SEM PATIFARIA
230	VADIOS	
231	VITMAS	

232	VNC	VANDALOS NA CIT
233	VPI	VAI PRO INFERNO
234	VTA	VAGABUNDO TAMBÉM AMA
235	XAPOLETRAS	

236	XARAPI	
237	XAROPES	
238	XATOS	
239	XEROSOS	
240	ZURETAS	

APÊNDICE 2 – VOCABULÁRIO DO UNIVERSO DO PICO (PIXO)

- 1- ATROPELO – Ação de pixar acima de outro picho;
- 2- BOMB - Letras gordas, geralmente feitas com mais de uma cor e contorno;
- 3- CAGUETA; Pessoa que denuncia;
- 4- CREW – Coletivo dos jovens do picho;
- 5- ESTIGA- Vontade de pichar;
- 6- GRIFE- Símbolos com significados em comum;
- 7- IBOPE- Reconhecimento no contexto do picho;
- 8- FAZÊ CORRÉ- Buscar alternativas para solucionar problemas;
- 9- JIGUERÊ – Modalidade de subir nas costas de outro pichador para alcançar local mais alto para pichar;
- 10-KEP- Bico da lata de spray;
- 11-LAMBE- Adesivos de desenhos que são colados nas paredes;
- 12-PÉ DE PATO- Justiceiro, matador de bandido;
- 13-PERSONA- Desenho de algum personagem retratado com spray;
- 14-PIXO- Letras feitas na maioria das vezes com tinta preta sem autorização;
- 15-POINT- Local de encontro dos pichadores;
- 16-ROLÊ- Sair com a turma para pichar;
- 17-SOPA DE LETRAS-Encontro de pichadores para ocupar um muro, com desenhos e bombs;
- 18-SPRAY- Lata de tinta utilizada para pichar;
- 19-QUEBRA- Ação de pichar(pixar) em cima de outro picho;
- 20-QUEBRADA- Lugar na periferia;
- 21-TAG-Assinatura individual;
- 22-TAG RETO OU PIXO RETO-Letras pontiagudas e geralmente feita com tinta preta;
- 23-TRETA- Conflito, briga;
- 24-TROCA FOLHA-Compartilhamento de assinaturas em folhas de papel;
- 25-VULGO- Maneira como é reconhecido no movimento do picho;
- 26-ZÉ POVINHO- Morador da comunidade;
- 27-ZOADA- O que não está de acordo, fora do lugar, bagunçado.

APÊNDICE 3 – ROTEIRO DE ENTREVISTA (PERGUNTAS ABERTAS)

1. O que te fez começar a pixar? O que significa a pixação para você?
2. Alguma vez se envolveu com algum tipo de violência/foi preso ou respondeu processo por pixo?
3. O que é preciso para ser aceito no movimento do pixo?
4. Quais os motivos que podem gerar uma expulsão da crew (grupo de pixadores).
5. O que você entende por espaços públicos?
6. Qual a sua motivação para pixar?
7. Existe respeito entre várias crews? O que é atropelo, cortar ou quebrar?
8. Qual a sua visão da sociedade atual?
9. Para você como a sociedade vê o movimento do pixo?
10. Você acredita que o pixo seja uma manifestação política?
11. Você conheceu alguém que já perdeu a vida pixando?
12. Qual a mensagem que você quer passar com o pixo?

APÊNDICE 4 – ROTEIRO DE ENTREVISTA (PERGUNTAS FECHADAS)

02/02/2022 16:46

Pesquisa da Pós

Pesquisa da Pós

Perguntas fechadas referente as entrevistas para a construção do TCC da Pós

1. Qual a sua faixa de idade?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 18 - 20 anos
- ☐ 21 - 25 anos
- ☐ 26 - 30 anos
- ☐ 31 - 35 anos
- ☐ 36 - 40 anos
- ☐ 41 anos ou mais

2. Qual o gênero?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino
- ☐ Não binário
- ☐ Prefere não identificar

3. Qual a sua cor ou raça?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Branco
- ☐ Amarelo
- ☐ Pardo
- ☐ Preto
- ☐ Não me identifico com nenhuma

02/02/2022 16:46

Pesquisa da Pós

4. Qual seu estado civil?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Solteiro(a)
- ☐ Casado(a) legalmente
- ☐ União estável
- ☐ Divorciado(a) / Separado(a)
- ☐ Viúvo(a)

5. Qual a sua escolaridade?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Ensino Fundamental Incompleto
- ☐ Ensino Fundamental Completo
- ☐ Ensino Médio Incompleto
- ☐ Ensino Médio Completo
- ☐ Ensino Superior Incompleto
- ☐ Ensino Superior Completo
- ☐ Ensino Técnico Incompleto
- ☐ Ensino Técnico Completo

6. Desenvolve alguma atividade remunerada?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

02/02/2022 16:46

Pesquisa da Pós

7. Qual a sua faixa de renda?

Considerar R\$ 1.100,00 o salário mínimo.

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 1 salário mínimo à 3 salários mínimos.
- ☐ 3 salários mínimos à 5 salários mínimos.
- ☐ 5 salários mínimos à 10 salários mínimos.
- ☐ Acima de 10 salários mínimos.

8. Você reside em:

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Curitiba/PR
- ☐ Região Metropolitana de Curitiba
- ☐ Outra Região.

9. Sua residência é:

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Própria (já paga)
- ☐ Própria (em pagamento)
- ☐ Alugada
- ☐ Cedida
- ☐ Ocupação Irregular

10. Você reside sozinho?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

02/02/2022 16:46

Pesquisa da Pós

11. Faz uso de alguma substância psicoativa?*Marque todas que se aplicam.*

- ☐ Cigarro
- ☐ Álcool
- ☐ Maconha
- ☐ Cocaína
- ☐ Crack
- ☐ Drogas Sintéticas
- ☐ Medicamentos Antidepressivos
- ☐ Sedativos
- ☐ Não faz uso de nenhuma substância psicoativa

12. A quanto tempo você faz parte do movimento da pichação*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Menos de 1 ano
- ☐ De 1 a 5 anos
- ☐ De 5 a 10 anos
- ☐ Mais que 10 anos

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários